

ESCOLAS DO BEM VIVER E OS ENSINAMENTOS MAÇÔNICOS

Do domínio de si à edificação do templo interior

Trabalho no Grau de Aprendiz Maçom - Versão 1.12

AUTOR: José Roberto Schmaltz – M.:I.:, CIM: 2129

Av. José Monteiro de Figueiredo, 800 Apto 1.500, Bairro Duque de Caxias,
Cuiabá-MT CEP 78.043-300, schmaltzodb@gmail.com Fone: (65) 98141-7088.

GRANDE ORIENTE DO ESTADO DE MATO GROSSO

Ben.: Cinq.: Aug.: e Resp.: Loj.: Simb.: Conquista e Integração nº 8.
Rito Escocês Antigo e Aceito

Aug.: e Resp.: Loj.: Simb.: Acadêmica François Marie Arouet nº 101
Loja de estudos - Rito Escocês Antigo e Aceito

Trabalho apresentado em Loja de Estudos Maçônicos

Oriente de Cuiabá-MT - 2026

PRÓLOGO

Todo trabalho maçônico nasce, antes de ser escrito, de uma inquietação. Este começou com uma pergunta simples, que me acompanhou desde os primeiros passos no Templo: o que a Maçonaria me pedia, quando me entregou o maço e o cinzel e me disse que a pedra a desbastar era eu mesmo? Um bom tempo se passou. Buscando responder a isso, fui encontrar, nas filosofias antigas do bem viver, não apenas ecos do que ouvia em Loja, mas uma longa conversa — de mais de dois milênios — sobre a mesma tarefa que me havia sido confiada.

Estas páginas são o registro dessa busca. Não as ofereço como obra de erudito, pois não o sou, nem como palavra final sobre assunto algum — a própria natureza do que aqui se trata recusa palavras finais. Ofereço-as como fazem os aprendizes: um trabalho apresentado à apreciação dos irmãos mais experientes, na esperança de que as suas arestas sejam corrigidas pela crítica fraterna, e de que o pouco que houver de bom possa ser útil a quem trilha o mesmo caminho.

Procurei, ao longo de todo o estudo, um equilíbrio difícil: o de reconhecer as profundas afinidades entre a sabedoria dos antigos e os ensinamentos da Ordem sem ceder à tentação, tão comum, de inventar genealogias e parentescos que a história não autoriza. Se em algum momento pareço excessivamente cauteloso, peço que se atribua esse zelo ao respeito; tanto pela verdade histórica quanto pela dignidade da própria Maçonaria, que não precisa de mitos para afirmar seu valor.

Dedico este trabalho a todos àqueles que continuam na busca por sua reforma interior, além daqueles que me deram a luz e me ensinaram, com paciência, a trabalhar a pedra, e o entrego com a convicção que o anima do princípio ao fim: a de que o conhecimento só se completa quando se faz vida.

Oriente de Cuiabá-MT, outubro de 2026.
J.R. Schmaltz

SUMÁRIO

<i>PRÓLOGO</i>	2
<i>SUMÁRIO</i>	3
<i>2. PARTE I — AS FILOSOFIAS DO BEM VIVER</i>	7
2.1. Sócrates: a nascente do cuidado de si.....	7
2.2. O Platonismo.....	8
2.3. O Estoicismo.....	9
2.4. O Aristotelismo.....	11
2.5. O Epicurismo.....	12
2.6. As escolas críticas: Cinismo e Pirronismo.....	14
2.7. O Pitagorismo.....	15
2.8. O Neoplatonismo.....	16
2.9. O Hermetismo.....	17
2.10. O Budismo.....	19
2.11. O Taoismo.....	20
2.12. O Confucionismo.....	21
2.13. A sabedoria cristã do bem viver.....	22
2.14. O Existencialismo.....	24
2.15. Outras vozes do bem viver.....	25
2.16. Síntese da Parte I e passagem à Parte II.....	28
<i>3. PARTE II — AS FILOSOFIAS E A MAÇONARIA</i>	31
3.1. A Maçonaria como filosofia praticada.....	31
3.2. Um mapa das correspondências.....	32
3.3. O domínio de si e o governo das paixões.....	33
3.4. A edificação do caráter: hábito, comunidade e ritual.....	34
3.5. A justa medida e a convivência fraterna: amizade, igualdade e tolerância.....	36
3.6. A via iniciática: das trevas à luz, o número e a transformação interior.....	37
3.7. O sentido, a liberdade e a finitude.....	39
3.8. Afinidade, influência e filiação: uma cautela necessária.....	40
3.9. Síntese: a Maçonaria como oficina simbólica do bem viver.....	42
<i>4. CONCLUSÃO</i>	44
<i>5. BIBLIOGRAFIA</i>	45
<i>APÊNDICE A — ROTEIRO DE LEITURA</i>	47
<i>APÊNDICE B — SÍNTESE PELOS SÍMBOLOS</i>	48
<i>APÊNDICE C — SÍNTESE DAS CORRESPONDÊNCIAS</i>	49

1. INTRODUÇÃO

Há uma pergunta que atravessa, sob formas distintas, boa parte da história do pensamento humano: *como viver bem?* Não se trata, nessa pergunta, de um interesse meramente especulativo sobre a natureza da felicidade, mas de uma inquietação prática e urgente — a de quem precisa decidir, dia após dia, como conduzir a própria vida. Foi em torno dessa inquietação que surgiram, na Antiguidade greco-romana e no Ocidente cristão e moderno, aquilo que podemos chamar de escolas do bem viver: conjuntos articulados de ideias e exercícios que se propunham não apenas a explicar o mundo, mas a transformar quem os praticava.

É justamente esse o traço que as unifica. Como mostrou o filósofo Pierre Hadot¹ em sua releitura da filosofia antiga, para os antigos filosofar não significava sobretudo construir sistemas teóricos, e sim adotar um modo de vida — um exercício contínuo de atenção, meditação, exame de consciência e domínio de si, capaz de modificar o modo como se percebe, se julga e se age. A doutrina existia a serviço dessa transformação, e não o contrário. *Compreender essas escolas exige, portanto, lê-las menos como teorias a serem conhecidas e mais como disciplinas a serem exercidas.*

Importa notar, de saída, que essas tradições não oferecem uma receita única de felicidade. Elas partem de diagnósticos distintos a respeito da raiz do sofrimento humano: o Estoicismo o atribui à confusão entre o que depende e o que não depende de nós; o Epicurismo, à multiplicação de desejos e medos; o ceticismo pirrônico, ao apego precipitado a certezas; o Budismo, à ignorância, à aversão e ao apego; o Taoismo, ao esforço artificial e desalinhado do curso das coisas. A cada diagnóstico corresponde uma terapêutica própria. Essa diversidade não é um defeito a ser corrigido por meio de alguma síntese apressada, mas uma riqueza: *cada escola ilumina com mais nitidez um determinado padrão de desordem da vida humana.*

O presente trabalho tem um duplo objetivo, que organiza também sua estrutura. Em um primeiro momento, apresentamos as principais escolas do bem viver — de Sócrates e Platão ao Estoicismo, ao Aristotelismo, ao Epicurismo, ao Cinismo e ao Pirronismo, no mundo greco-romano; ao Pitagorismo, ao Neoplatonismo e ao Hermetismo na vertente místico-esotérica desse mesmo mundo; ao Budismo, ao Taoismo e ao Confucionismo, nas tradições asiáticas; e à sabedoria cristã e ao Existencialismo, no Ocidente — procurando, em cada caso, identificar seu diagnóstico do sofrimento, sua concepção de vida boa e suas práticas características.

¹ HADOT, Pierre. *O que é a filosofia antiga?* São Paulo: Loyola, 2004.

Em um segundo momento, propomos examinar a relação entre essas filosofias e a Maçonaria, instituição que, embora não seja uma escola filosófica no sentido antigo, compartilha com elas o ideal de aperfeiçoamento moral por meio do estudo, da disciplina, do simbolismo e da convivência fraterna.

A hipótese que orienta essa segunda parte é a de que existe entre a Maçonaria e as escolas do bem viver uma afinidade filosófica e pedagógica real e fecunda — mas que essa afinidade deve ser compreendida com cuidado. *A Maçonaria não é simplesmente estoica, hermética ou aristotélica, nem a soma uniforme dessas tradições*; ela constitui um método iniciático e simbólico próprio, desenvolvido historicamente em diferentes ritos e Obediências, capaz de acolher interpretações filosóficas variadas. Por isso foi necessário distinguir, ao longo do trabalho, aquilo que é afinidade simbólica, aquilo que são influências históricas documentáveis em certos ritos, e aquilo que seria uma descendência direta — esta última não demonstrada de modo consensual pela historiografia. Semelhança, como se verá, não é sinônimo de filiação.

Quanto ao alcance, convém uma advertência de método. *Um trabalho desta extensão não pretende esgotar tradições que ocupam milênios de reflexão e bibliotecas inteiras de comentário*. O propósito é outro: oferecer uma compreensão aprofundada o suficiente para que as correspondências com a Maçonaria se tornem inteligíveis e filosoficamente sólidas, sem reduzir cada escola a um resumo reducionista nem converter a simbologia maçônica em dogmas. Onde o espaço exigir contenção, buscamos preservar o núcleo de cada tradição — aquilo sem o qual ela se descaracteriza, como a dimensão ética e social do Estoicismo ou a compaixão no Budismo.

Resta, enfim, explicitar o critério de recorte que presidiu a seleção das escolas aqui reunidas — pois, se nenhum recorte esgota o tema, todo recorte deve ao menos justificar-se.

Três exigências orientaram a inclusão de cada tradição na galeria da Parte I.

A primeira é de natureza: trata-se, na chave de Pierre Hadot, de filosofias concebidas como modo de vida, e não de religiões reveladas ou cultos — distinção que não as hierarquiza, mas apenas reconhece registros diversos.

A segunda é de forma: cada tradição admitida possui feição de escola, isto é, um corpo de doutrina que se pode estudar e aplicar, articulado segundo um mesmo tripé — um diagnóstico do que adoce a vida, uma concepção do que seja viver bem e um conjunto de práticas de aperfeiçoamento; onde esse tripé não se articula, não há propriamente escola a expor.

A terceira é de função: quando a principal contribuição de uma tradição está em servir de ponte ou ressonância com a Maçonaria, e não em oferecer, por si, uma filosofia autônoma do bem viver, seu lugar é aquele em que essa correspondência é feita — o panorama complementar ou a Parte II —, e não a galeria das escolas.

É à luz desse critério de recorte que algumas tradições serão, mais adiante, deliberadamente deixadas de fora, e que outras, de feição mais religiosa, comparecerão a título de panorama, sem serem equiparadas às escolas em sentido estrito.

O percurso culmina em uma síntese que não afirma que todas essas tradições ensinam a mesma coisa, mas que as organiza como perspectivas complementares, submetidas a um critério ético-prático comum: *o de que o conhecimento só adquire valor quando se converte em caráter e conduta, e quando o aperfeiçoamento de si se traduz em justiça, fraternidade e serviço aos outros.*

2. PARTE I — AS FILOSOFIAS DO BEM VIVER

2.1. Sócrates: a nascente do cuidado de si

Antes de haver escolas do bem viver, houve Sócrates. O filósofo ateniense (470–399 a.C.) não fundou doutrina, não deixou nada escrito e não cobrava por seu ensino; e, no entanto, quase todas as tradições que examinaremos reivindicam-no, de algum modo, como ancestral. Estoicos, Cínicos, Céticos e Platônicos encontram nele um ponto de partida comum — razão pela qual convém abrir por ele o percurso.

A contribuição socrática pode ser condensada em duas fórmulas célebres, ambas transmitidas por Platão. A primeira, inscrita no templo de Delfos e adotada por Sócrates como divisa, é o *gnôthi seautón*: "conhece-te a ti mesmo". A segunda, pronunciada em seu julgamento, é a afirmação de que "uma vida não examinada não merece ser vivida".² Nessas duas sentenças está o germe de tudo o que virá: a convicção de que a tarefa primordial do ser humano não é acumular bens ou saberes externos, mas voltar-se para si, examinar as próprias opiniões e cuidar da própria alma.

É precisamente esse o sentido do conceito que organiza toda a filosofia antiga como modo de vida: a *epiméleia heautoû*, o "cuidado de si". Como mostraram Pierre Hadot e, em outra chave, Michel Foucault³, o cuidado de si não é introspecção narcisista, mas um trabalho prático e contínuo sobre o próprio juízo e a própria conduta — um esforço para tornar-se melhor do que se é. Sócrates o exercia pelo *elenchos*, o método do exame dialógico: por meio de perguntas, conduzia o interlocutor a descobrir as contradições de suas certezas, produzindo aquela *aporia* (o reconhecimento da própria ignorância) que é o início de toda sabedoria. Sua ironia não humilhava por esporte; abria espaço, esvaziando a falsa ciência, para uma busca honesta.

Dois traços do legado socrático merecem destaque por sua projeção nas escolas posteriores e, mais tarde, no próprio simbolismo maçônico. O primeiro é a tese de que a virtude é, de algum modo, saber — ninguém faz o mal voluntariamente, mas por ignorância do verdadeiro bem —, o que faz do autoconhecimento o fundamento da vida ética. O segundo é a coerência entre discurso e existência levada até as últimas consequências: Sócrates preferiu

² PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Apologia_de_Sócrates Acesso em: 14/06/2026

³ FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

beber a cicuta a renunciar àquilo que considerava justo, convertendo a própria morte no argumento final de sua filosofia. Viver e pensar, nele, tornaram-se inseparáveis.

Desse tronco único partirão os ramos que examinaremos a seguir. Cada escola responderá à sua maneira à pergunta socrática — *como cuidar de si e viver uma vida examinada?* —, mas todas a herdaram. É o que justifica começar por ele: conhecer-se a si mesmo é, afinal, o primeiro movimento da filosofia antiga.

2.2. O Platonismo

Entre a nascente socrática e as escolas que dela derivam está a figura sem a qual nada do que se segue seria pensável: Platão (428/427–348/347 a.C.). Discípulo de Sócrates, fundador da Academia e mestre de Aristóteles, foi ele quem deu forma escrita ao ensinamento do mestre e ergueu, a partir dele, a primeira grande metafísica e a primeira grande ética sistemática do Ocidente. Omiti-lo seria deixar sem fundamento tanto o aristotelismo quanto o neoplatonismo que adiante examinaremos. O diagnóstico platônico da vida mal vivida parte de uma imagem que se tornou célebre: a da alma dividida. Na República, Platão descreve a alma como composta de três partes — a racional, que conhece e delibera; a irascível, sede do ânimo e da coragem; e a apetitiva, assento dos desejos corporais.

O mal viver instala-se quando os apetites ou as paixões usurpam o lugar da razão, governando o que não deveriam governar; a alma desregrada é como uma cidade em guerra civil, dilacerada por facções que disputam o comando. A isso soma-se a ignorância, figurada na alegoria da caverna: a maioria dos homens vive acorrentada na penumbra, tomando sombras projetadas por realidades, sem suspeitar da luz que existe fora.⁴

A meta, correlativamente, é dupla e inseparável. No plano da conduta, é a justiça entendida como harmonia interior: não primariamente o respeito a leis externas, mas a saúde da alma em que cada parte cumpre sua função sob o governo da razão.³ No plano mais alto, é a ascensão até a contemplação do Bem — a Ideia suprema, que Platão compara ao sol do mundo inteligível, princípio de toda verdade e de todo valor — e, por fim, a assimilação ao divino (*homoíosis theôî*): tornar-se, pela justiça e pela sabedoria, tão semelhante ao divino quanto é dado ao ser humano.⁵

⁴ PLATÃO. A República, livro IV e VII (a alegoria da caverna). Fonte: <https://iedamagri.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/02/platao-a-republica.pdf> Acesso em: 11/10/2026

⁵ PLATÃO. A República, livros VI–VII; Teeteto, 176b. Fonte: <https://iedamagri.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/02/platao-a-republica.pdf> Acesso em: 11/10/2026

Dessas teses nascem práticas que fazem do platonismo, também ele, um modo de vida, e não apenas uma doutrina. A primeira é a dialética: o exercício de ascender do sensível ao inteligível, do múltiplo ao uno, interrogando as aparências até alcançar os princípios. A segunda é a compreensão da filosofia como preparação para a morte, exposta no Fédon — não um desejo mórbido, mas o esforço de desprender a alma da tirania do corpo e dos apetites, exercitando-a na vida do pensamento. A terceira é a célebre ascensão pela beleza, descrita no Banquete: partindo do amor a um belo corpo, a alma eleva-se às belas almas, às belas ações e leis, aos belos saberes, até contemplar a Beleza em si. A todas preside a imagem do Fedro — a alma como uma biga alada, em que o cocheiro-razão conduz dois cavalos, um nobre e um indócil, mantendo o curso para o alto.⁶

A ressonância com o percurso deste trabalho é das mais fortes, e convém enunciá-la. A alegoria da caverna — a saída das trevas da ignorância para a luz do inteligível — é a matriz filosófica da passagem iniciática das trevas à luz. A harmonia das três partes da alma sob o governo da razão é a formulação clássica daquilo que se chama de domínio de si. E a ascensão ao Bem e a assimilação ao divino antecipam diretamente a via de elevação que o neoplatonismo haveria de sistematizar e que o símbolo do templo interior recolhe. Platão é, nesse sentido, o grande elo: herda de Sócrates o cuidado da alma, transmite-o a Aristóteles e aos estoicos, e o lega, por meio de Plotino, a toda a tradição iniciática ocidental. Como sempre, trata-se de afinidade de sentido e de imagem — não de filiação histórica a demonstrar.

2.3. O Estoicismo

Fundado em Atenas por Zenão de Cítio por volta de 300 a.C. e desenvolvido ao longo de séculos por figuras como Crisipo, na Antiguidade helenística, e Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio, no período romano, o Estoicismo é, entre as escolas do bem viver, aquela cuja proposta ética se enuncia com maior radicalidade. Sua tese central pode ser formulada em poucas palavras: a virtude é o único bem verdadeiro, e nela — e não nas circunstâncias — reside a vida boa.⁷

O diagnóstico estoico do sofrimento parte de uma distinção que se tornou célebre sobretudo na formulação de Epicteto: há coisas que dependem de nós e coisas que não dependem de nós.⁸ Dependem de nós os nossos juízos, impulsos, desejos e aversões — em

⁶ PLATÃO. Banquete (o discurso de Diotima). Fonte: https://www.capeladorato.org/pdf/2018/cursoFilosofia/Platao_colecao_os_pensadores_1973.pdf Acesso em: 11/10/2026.

⁷ ESTOICISMO. Fonte: <https://www.todamateria.com.br/estoicismo> Acesso em 14/06/2026.

⁸ EPICTETO. *Manual (Encheiridion)*, I.

suma, aquilo que constitui o uso que fazemos das representações. Não dependem inteiramente de nós o corpo, a reputação, a riqueza, os cargos, o comportamento alheio e, no limite, tudo o que o mundo pode conceder ou retirar. O sofrimento, para o estoico, nasce precisamente da confusão entre essas duas esferas: padecemos quando ancoramos nossa serenidade e nosso senso de valor em coisas que não controlamos, entregando o governo da vida interior ao acaso externo.

A meta que daí decorre é a *eudaimonia*, o florescimento ou a vida plena — mas entendida de modo próprio. Para o Estoicismo, florescer é viver "de acordo com a natureza", expressão que não significa seguir impulsos espontâneos, e sim aperfeiçoar aquilo que define o ser humano: sua natureza racional e social. Viver conforme a razão é exercer as quatro virtudes cardeais: sabedoria, justiça, coragem e temperança —, e viver conforme a sociabilidade é reconhecer que fomos feitos para a cooperação, como partes de um todo. Daí a afirmação, exigente e muitas vezes mal compreendida, de que saúde, riqueza e reputação são, no máximo, "preferíveis" (*proégmena*): coisas que o sábio razoavelmente escolhe quando pode, mas que não acrescentam nem subtraem nada ao único bem que importa, a excelência do caráter.⁹

Desse arcabouço nasce um conjunto de práticas que fazem do Estoicismo, mais do que uma doutrina, um exercício contínuo — o que *Pierre Hadot* chamou de *exercícios espirituais*. A primeira delas é a disciplina do juízo: entre o acontecimento e a reação há sempre uma interpretação, e é sobre ela que podemos agir; aprender a distinguir o fato bruto ("isto aconteceu") da opinião acrescentada ("isto é uma catástrofe") é o cerne do trabalho estoico. A segunda é a *Praemeditatio malorum*, a antecipação racional das dificuldades, não para alimentar pessimismo, mas para reduzir o sobressalto e preparar uma resposta virtuosa. A terceira é o exame de si — exemplarmente praticado por Marco Aurélio em suas anotações privadas, escritas não para publicação, mas como instrumento de autocorreção.¹⁰ A essas soma-se o exercício da ampliação da perspectiva, o "olhar de cima" que recoloca as inquietações do ego dentro de um horizonte temporal e cósmico mais vasto.

É indispensável, porém, desfazer um equívoco frequente, sobretudo em releituras contemporâneas. A célebre *apatheia* estoica não é insensibilidade nem repressão das emoções. Os estoicos distinguiam as paixões — movimentos excessivos e desordenados, fundados em

⁹ A doutrina dos "preferíveis" (*proégmena*) é o que distingue o Estoicismo de um ascetismo indiferente: ela permite escolher racionalmente a saúde ou os recursos sem tornar deles a condição da felicidade. É também o ponto em que o Estoicismo mais se afasta do Aristotelismo, para quem certos bens externos são genuinamente constitutivos da vida boa.

¹⁰ MARCO AURÉLIO. *Meditações*.

juízos falsos — das *eupatheia*, afecções racionais e saudáveis como a alegria e a benevolência. O ideal não é não sentir, mas não ser arrastado por juízos equivocados. Por isso é uma distorção reduzir o Estoicismo a uma técnica de resiliência para suportar ambientes injustos, calar emoções ou maximizar desempenho: desligado de sua dimensão ética e social, o "domínio de si" perde seu núcleo e se converte em mera couraça.^{11 12} Dominar-se, no sentido estoico, é submeter os impulsos destrutivos ao exame da razão — preservando a compaixão, a amizade e a disposição de agir contra a injustiça.

Compreendido assim, o Estoicismo oferece o que talvez seja a mais límpida formulação do primeiro movimento do nosso percurso: o domínio de si como ponto de partida de toda vida bem conduzida.

2.4. O Aristotelismo

Se o Estoicismo representa a vertente mais austera das escolas do bem viver, o Aristotelismo oferece a mais equilibrada e, em certo sentido, a mais próxima da experiência comum. Aristóteles (384–322 a.C.), discípulo de Platão e fundador do Liceu, dedicou à questão da vida boa duas obras maiores — a *Ética a Nicômaco* e a *Ética a Eudemo* —, e nelas construiu uma concepção de felicidade que se recusa a sacrificar qualquer dimensão genuína da existência humana em nome da coerência doutrinária.

O ponto de partida aristotélico não é propriamente um diagnóstico do sofrimento, mas uma pergunta sobre o fim último das ações humanas. Tudo o que fazemos visa a algum bem; ora, se há um bem que desejamos por si mesmo, e não como meio para outra coisa, esse bem será o fim supremo. Aristóteles o identifica com a *eudaimonia* — termo que se traduz habitualmente por "felicidade", mas que se entende melhor como florescimento ou vida bem-sucedida ao longo de uma existência completa.¹³ Não se trata de um estado de ânimo passageiro, e sim da qualidade de uma vida inteira considerada em seu conjunto.

Em que consiste esse florescimento? Na famosa resposta do "argumento da função" (*ergon*), Aristóteles sustenta que o bem de cada ser está no exercício daquilo que lhe é próprio; e o que é próprio do ser humano é a atividade racional. A vida boa é, portanto, "atividade da alma segundo a virtude" — e, se há mais de uma virtude, segundo a mais alta e completa. Mas

¹¹ A observação vale como advertência metodológica para todo o trabalho: cada tradição possui um núcleo sem o qual se descaracteriza. Assim como o Estoicismo não se reduz a técnica de resistência, o Budismo não se reduz a *mindfulness* nem o Taoísmo a passividade.

¹² HADOT, Pierre. *O que é a filosofia antiga?* São Paulo: Loyola, 2004.

¹³ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, I. Fonte:

<https://www.epedagogia.com.br/materialbibliotecaonline/2900Etica-a-Nicomaco.pdf> Acesso em: 14/06/2026.

Aristóteles acrescenta duas qualificações decisivas que o distinguem do Estoicismo. Primeiro, a felicidade é *atividade*, não mera disposição: não basta ser virtuoso em potência, é preciso exercer a virtude efetivamente. Segundo — e aqui reside a diferença mais marcante —, o florescimento pleno requer também certos bens externos: saúde, amigos, recursos suficientes, participação na vida da comunidade. Onde o estoico afirma que a virtude basta, o aristotélico reconhece que ela é necessária, mas não inteiramente suficiente.^{14 15}

A contribuição mais fecunda de Aristóteles para uma filosofia do bem viver está, contudo, em sua teoria da formação do caráter. As virtudes morais não são inatas nem resultam de simples instrução teórica: adquirem-se pela *habituação* (*éthos*). "Tornamo-nos justos praticando atos justos, e temperantes praticando atos temperantes" — aprende-se a virtude exercendo-a, até que ela se estabilize como uma disposição firme do caráter (*héxis*).¹⁶ A virtude moral é descrita, ainda, como uma *mediania* (*mesótes*) entre dois vícios por excesso e por falta: a coragem situa-se entre a covardia e a temeridade, a generosidade entre a avareza e a prodigalidade. Essa mediania não é um meio-termo aritmético e rígido, mas o ponto justo *relativo a nós*, determinado em cada situação por aquela virtude intelectual que Aristóteles considera indispensável à vida prática: a *phronesis*, a sabedoria prática ou prudência.

Por fim, Aristóteles atribui à amizade um lugar que nenhuma outra escola antiga lhe concedeu com igual amplitude — dois livros inteiros da *Ética a Nicômaco*. A amizade virtuosa, distinta das que se fundam apenas no prazer ou no proveito, é a convivência entre pessoas que reconhecem e estimulam reciprocamente o bom caráter; longe de ser um acessório da vida feliz, é uma de suas condições, pois o ser humano é, por natureza, um animal político, que só se realiza plenamente em comunidade.

O Aristotelismo nos lega, assim, duas imagens centrais para o percurso deste trabalho: a do caráter que se edifica lentamente pela repetição de atos — não se nasce pronto, faz-se a si mesmo pelo hábito — e a da excelência que amadurece na convivência.

2.5. O Epicurismo

Poucas filosofias foram tão sistematicamente mal compreendidas quanto o Epicurismo. No uso corrente, "epicurista" tornou-se sinônimo de quem busca prazeres refinados e se entrega

¹⁴ ZINGANO, Marco. *Ethica Nicomachea I 13 – III 8: tratado da virtude moral*. São Paulo: Odysseus, 2008.

¹⁵ Essa divergência quanto aos bens externos define duas posturas distintas diante do infortúnio. Para o estoico, a desgraça externa não atinge o único bem; para o aristotélico, pode de fato ferir o florescimento. Está em jogo o quanto a vida boa depende, ou não, da sorte (*týche*).

¹⁶ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Fonte:

<https://www.epedagogia.com.br/materialbibliotecaonline/2900Etica-a-Nicomaco.pdf> Acesso em: 14/06/2026.

aos gozos da mesa e dos sentidos. Nada mais distante da escola fundada por Epicuro (341–270 a.C.) em seu Jardim de Atenas — comunidade que, significativamente, acolhia mulheres e escravos, e cujo lema prometia ao visitante não a abundância, mas a simplicidade.

É verdade que Epicuro identifica o bem com o prazer. Mas o diagnóstico epicurista do sofrimento mostra logo que esse prazer não é o que o senso comum imagina. O que perturba a vida humana, segundo Epicuro, são sobretudo os medos e os desejos desmedidos: o medo dos deuses, o medo da morte e a multiplicação incessante de apetites que nunca se satisfazem. Vive-se mal não por falta de bens, mas por excesso de desejos e de temores infundados. A terapia epicurista dirige-se, portanto, antes à mente do que ao corpo.

A meta, conseqüentemente, não é o acúmulo de prazeres, mas um estado estável de serenidade. Epicuro distingue o prazer *cinético* — o da satisfação em curso, como comer quando se tem fome — do prazer *catastemático*, que é o estado de quem já não sente dor nem perturbação. É este último que constitui o verdadeiro fim: a *aponia*, ausência de dor no corpo, e a *ataraxia*, ausência de perturbação na alma. O prazer máximo não é uma intensificação, e sim um *limite*: alcançado o estado em que nada falta e nada aflige, não há prazer maior a buscar.¹⁷

Daí decorre a prática mais característica da escola: a classificação dos desejos. Epicuro propõe que, diante de cada desejo, se pergunte a que espécie ele pertence. Há desejos *naturais e necessários* (comer, beber, abrigar-se, ter amigos, compreender o mundo); desejos *naturais mas não necessários* (os requintes, a variedade dos prazeres), de que se pode prescindir sem sofrimento; e desejos *vãos ou vazios* (riqueza ilimitada, fama, poder), que não têm limite natural e, por isso, são fonte inesgotável de ansiedade. Essa triagem produz uma vida sóbria e autossuficiente, cuja liberdade consiste, paradoxalmente, em desejar pouco. A isso Epicuro soma o *Tetrapharmakos*: não temer os deuses, não temer a morte ("quando nós somos, a morte não está; quando a morte está, nós não somos"), reconhecer que o bem é fácil de obter e que o mal é fácil de suportar.¹⁸

Dois valores recebem, no Epicurismo, estatuto especial. O primeiro é a *prudência* (*phronesis*), que Epicuro chega a dizer ser mais preciosa que a própria filosofia, pois dela

¹⁷ Essa concepção do prazer como *limite*, e não como intensidade crescente, marca a distância entre o Epicurismo e o hedonismo vulgar — e também entre ele e o Estoicismo. Para o estoico, o prazer não é bem algum; para o epicureu, é o bem, mas um bem que culmina na quietude. As duas escolas chegam, por caminhos opostos, a recomendar uma vida sóbria.

¹⁸ EPICURO. *Carta a Meneceu*. Fonte: <https://www.netmundi.org/home/wp-content/uploads/2020/11/Carta-a-Meneceu-Sobre-a-Felicidade-por-Epicuro.pdf> Acesso em 14/06/2026.

derivam todas as demais virtudes. O segundo é a *amizade*, que Epicuro celebra em termos quase líricos como o maior dos bens que a sabedoria proporciona para a felicidade de uma vida inteira. Longe do individualismo que às vezes se lhe atribui, o Jardim era antes de tudo uma comunidade de amigos.

O Epicurismo nos oferece, assim, uma lição que dialoga de perto com as demais escolas sem se confundir com elas: a de que a serenidade nasce menos da posse do que da justa medida do desejo, e menos do isolamento do que da amizade cultivada.

2.6. As escolas críticas: Cinismo e Pirronismo

Nem todas as escolas do bem viver constroem doutrinas positivas sobre a felicidade. Duas delas operam, antes, pela via da subtração: removendo convenções, no caso do Cinismo, e suspendendo juízos, no caso do Pirronismo. Por isso convém tratá-las em conjunto — não porque se confundam, mas porque ambas localizam a raiz do sofrimento humano menos naquilo que nos falta do que naquilo a que nos apegamos sem necessidade.

O Cinismo antigo, fundado por Antístenes e encarnado de modo inesquecível por *Diógenes de Sinope* — o "Sócrates louco", que vivia num barril e carregava uma lanterna à luz do dia à procura de um homem honesto: concebe a filosofia não como teoria, mas como um modo de vida levado ao extremo. Seu conceito central é a *askesis*, o treinamento rigoroso de si para a autossuficiência (*autárkeia*): quem reduz as próprias necessidades ao mínimo natural torna-se livre, pois nada tem a temer e nada precisa mendigar de ninguém.¹⁹ O Cínico opõe frontalmente a natureza (*physis*) à convenção (*nómos*): riqueza, status, boas maneiras e até a pátria são para ele artificios que aprisionam. Daí sua prática da *parrhesía*, a fala franca diante dos poderosos, e seu cosmopolitismo — *Diógenes* foi o primeiro a declarar-se "cidadão do mundo" (*kosmopolítes*).

A força duradoura do Cinismo está em seu poder de desmascaramento: ele revela quanto da ansiedade humana depende da aprovação alheia e da acumulação de bens supérfluos. Seu limite prático, porém, aparece quando a provocação substitui a sabedoria, ou quando a autossuficiência se converte em desculpa para negar vínculos e responsabilidades reais. Mantido como advertência, o Cinismo permanece um corretivo salutar contra a vaidade.

¹⁹ DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, livro VI. Fonte: https://www.academia.edu/4884583/Diogenes_Laertius_Vidas_e_Doutrinas_dos_Filósofos_Ilustres Acesso em 21/06/2026.

O Ceticismo Pirrônico, que remonta a *Pirro de Élis* e foi sistematizado séculos depois por *Sexto Empírico*, parte de um diagnóstico distinto. O que perturba os homens, segundo os Pirrônicos, não são as coisas em si, mas as *opiniões* que formam sobre elas — em especial a crença dogmática de que algo é bom ou mau por natureza. Quem está convencido de possuir a verdade sofre duplamente: aflige-se quando não a alcança e teme perdê-la quando julga tê-la.²⁰

O método cético consiste em contrapor, a cada argumento, outro de força equivalente (a *isóstenia* ou equipolência). Quando as razões opostas se equilibram, segue-se a *epoché*, a suspensão do juízo — e a esta, como a sombra segue o corpo, sucede inesperadamente a *ataraxía*, a tranquilidade. Essa suspensão não implica paralisia nem inação: o cético continua a agir, guiando-se pelas aparências, pelos costumes, pelas leis e pelas evidências disponíveis, apenas sem converter essas orientações práticas em certezas dogmáticas.²¹

No cotidiano, essa postura ensina a distinguir fatos, interpretações e probabilidades, mantendo revisáveis as crenças que não se podem demonstrar. Contra o fanatismo e a precipitação, o Pirronismo recomenda uma humildade investigativa que não cessa de examinar. Convém, porém, uma ressalva: tolerância não é relativismo moral. Suspender certezas metafísicas é diferente de dissolver todo compromisso ético — distinção que separa o Ceticismo maduro do mero Ceticismo de ocasião.

2.7. O Pitagorismo

Entre todas as escolas antigas, o Pitagorismo é talvez aquela em que a ideia de filosofia como *modo de vida* se realizou de forma mais literal. Fundada por *Pitágoras de Samos* (séc. VI a.C.) em *Crotone*, no sul da Itália, a comunidade pitagórica não era uma escola no sentido de um local de aulas, mas uma verdadeira ordem de vida: com regras de conduta, provações de admissão, graus de iniciação, bens partilhados e um estilo de existência comum. Compreendê-la é encontrar um dos antepassados mais diretos de toda forma posterior de fraternidade iniciática.

O ingresso na ordem exigia um longo período de silêncio — a *echemythía* —, em que o aspirante, chamado *akousmatikós* ("ouvinte"), devia escutar sem ver o mestre e sem tomar a palavra, por vezes durante anos, até ser julgado apto a ascender ao grau dos *mathematikoí*, os

²⁰ SEXTO EMPÍRICO. *Hipotiposes pirrônicas*, I. Fonte:

https://www.academia.edu/16683858/Sexto_Empirico_Contra_os_gramaticos?sm=b Acesso em 21/06/2026.

²¹ Esta é a diferença clássica entre o Ceticismo *Pirrônico* e o Ceticismo *Acadêmico* (de *Arcesilau* e *Carnéades*): enquanto a este último se atribui a tese de que "nada pode ser conhecido" — ela própria dogmática —, o Pirrônico recusa-se até a afirmar isso, limitando-se a investigar e a suspender o juízo. O verdadeiro cético não nega a verdade; apenas não a proclama.

que recebiam as demonstrações e razões. O silêncio não era punição, mas disciplina: aprendia-se primeiro a conter-se e a ouvir. A esse regime somava-se uma prática que o Estoicismo tornaria célebre séculos depois, mas que já é nitidamente pitagórica: o exame de consciência ao fim do dia. Os chamados *Versos áureos* recomendavam que não se entregasse ao sono sem antes perguntar-se "em que falhei? que fiz? que dever deixei de cumprir?".²²

No plano doutrinal, a intuição central dos pitagóricos é a de que o *número* e a *proporção* constituem o princípio ordenador de todas as coisas. A descoberta de que os intervalos musicais harmônicos correspondem a razões numéricas simples forneceu-lhes a chave de uma visão de mundo inteira: se a música se reduz a proporção, então toda a realidade, dos astros à alma humana, pode ser pensada como harmonia mensurável. Daí a doutrina da "harmonia das esferas" e a convicção de que a alma é, ela própria, uma espécie de afinação que o desregramento perturba e a filosofia reequilibra. Viver bem, para o pitagórico, é viver em ordem, medida e harmonia.

Essa visão sustentava um objetivo mais profundo: a *purificação* (*kátharsis*) da alma. Os pitagóricos criam na transmigração das almas (*metempsícase*), e por isso entendiam a vida filosófica — com sua disciplina, seu estudo da matemática e da música, sua ética da amizade e da moderação — como um caminho de purificação progressiva. A matemática não era cálculo utilitário, mas via de elevação: ascese intelectual que desprende a alma do sensível.²³

2.8. O Neoplatonismo

Se o Pitagorismo oferece a mais antiga das fraternidades filosóficas, o Neoplatonismo oferece a mais elaborada metafísica da *ascensão* — e é precisamente essa imagem, a da subida da alma das trevas à luz, que fará dele uma das pontes mais naturais entre a filosofia antiga e o simbolismo iniciático. Seu grande expositor é Plotino (205–270 d.C.), cujas lições, reunidas por seu discípulo Porfírio, nos chegaram sob o título de *Enéadas*.

A arquitetura do real, em Plotino, desdobra-se a partir de um princípio único e inefável, o *Uno* ou o *Bem* — fonte de tudo, anterior a todo ser e a todo pensamento. Do Uno procede, por uma espécie de transbordamento que não o diminui, o *Intelecto* (*Noûs*), domínio das Formas inteligíveis; e do Intelecto procede a *Alma* (*Psyché*), que anima o mundo sensível. Toda a realidade é, assim, um processão descendente a partir do Uno — e cada nível conserva a

²² VERSOS ÁUREOS. Fonte: https://www.academia.edu/36691368/PITÁGORAS_VERSOS_DE_OURO
Acesso em: 21/06/2026.

²³ Impõe-se aqui a mesma cautela. Boa parte do que sabemos sobre a "vida pitagórica" provém de fontes tardias — sobretudo Jâmblico e Porfírio, do séc. III d.C., quase oito séculos após Pitágoras.

nostalgia de sua origem.²⁴ A alma humana, descida ao corpo e ao múltiplo, nunca perde inteiramente o contato com o inteligível; uma parte dela permanece sempre "acima", voltada para o alto.

Desse quadro decorre o diagnóstico neoplatônico da condição humana. O mal não é uma potência positiva, mas privação, afastamento do Bem; e o sofrimento da alma nasce de seu esquecimento — de estar absorvida na dispersão do sensível, esquecida de sua procedência divina. Viver mal é viver voltado para fora e para baixo, prisioneiro da multiplicidade e da matéria.

A meta é o *retorno (epistrophé)*: a reascensão da alma à sua fonte, até a união (*hénosis*) com o Uno — aquele raríssimo instante que Plotino descreve como "o voo do só ao só". E a via desse retorno é interior. "Retorna a ti mesmo e olha", escreve ele; se ainda não te vês belo, faz como o escultor que não cessa de trabalhar a própria estátua, removendo o excesso, "até que resplandeça em ti o divino esplendor da virtude".²⁵ A imagem é decisiva para o nosso percurso: o aperfeiçoamento de si descrito como um trabalho de escultura sobre a própria pedra — remoção do supérfluo até que a forma oculta se revele.

As práticas dessa ascensão articulam-se numa escala de virtudes: as *virtudes cívicas* (que ordenam a vida em sociedade), as *virtudes purificadoras* (que desprendem a alma do sensível) e, no cume, as *virtudes contemplativas* (que a unem ao inteligível). A elas somam-se a contemplação da beleza — que, partindo dos belos corpos, ascende à Beleza em si — e a prática da interiorização e da simplificação do olhar, até o silêncio em que a alma se expõe à presença do Uno.

O Neoplatonismo é o elo que conecta a Parte I ao Hermetismo: ambos floresceram no mesmo ambiente greco-egípcio.²⁶

2.9. O Hermetismo

O Hermetismo é, de todas as tradições aqui reunidas, a que exige maior cautela — não por ser menos rica, mas por ser a mais cercada de mitos modernos. Compreendê-lo corretamente

²⁴ PLOTINO. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Plotino> Acesso em 21/06/2026

²⁵ PLOTINO. *Enéadas*, I, 6. Fonte: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/23562/1/enéadas-I-e-II/COMPLETO-finalizado.pdf> Acesso em 21/06/2026.

²⁶ Vale, uma vez mais, a cautela metodológica: reconhecer que o Neoplatonismo forneceu vocabulário e imagens largamente reaproveitados pela tradição iniciática ocidental e não é o mesmo que postular uma transmissão contínua e direta. A afinidade é, sobretudo, simbólica e interpretativa.

significa, antes de tudo, separar o Hermetismo histórico das reelaborações esotéricas que, sobretudo a partir do século XIX, passaram a circular em seu nome.

O Hermetismo antigo surgiu no ambiente greco-egípcio dos períodos ptolomaico e romano. Seus textos, atribuídos à figura semimítica de Hermes Trismegisto — "três vezes grande", fusão do deus grego Hermes com o egípcio *Thoth*: foram provavelmente compostos entre os primeiros séculos da era cristã, e combinam elementos da religião egípcia com filosofias platônica, estoica e neopitagórica.²⁷ Não constituem a obra de um único autor, nem comprovam a existência de uma escola institucional uniforme, comparável à *Stoa* ou ao *Jardim de Epicuro*.

É indispensável distinguir dois Hermetismos. De um lado, o *Hermetismo filosófico-religioso*, reunido sobretudo no *Corpus Hermeticum* e no *Asclépio*, centrado em Deus, no cosmos, na mente (*noûs*) e na regeneração espiritual. De outro, o *Hermetismo técnico*, associado historicamente à astrologia, à alquimia e à magia. É o primeiro que interessa a uma filosofia do bem viver.

Nesse registro, o diagnóstico hermético é próximo do neoplatônico: o ser humano padece por ignorância de si mesmo e de sua origem divina, aprisionado pelos desejos desordenados. A meta do bem viver assume então a forma de um *despertar* — um conhecimento (*gnôsis*) que é, ao mesmo tempo, autoconhecimento e reconhecimento da dimensão divina do ser humano. Trata-se de purificar os desejos e viver com reverência, misericórdia e não violência, rumo a uma transformação espiritual e à reintegração no divino — o "novo nascimento" descrito no tratado XIII.²⁸

Aqui se impõe a correção de dois equívocos difundidos. Primeiro: a célebre fórmula "assim como em cima, assim embaixo" não resume o *Corpus Hermeticum*; ela pertence à *Tábua de Esmeralda*, texto da tradição alquímica de origem medieval. Segundo: os chamados "sete princípios herméticos" — mentalismo, correspondência, vibração, polaridade, ritmo, causa e efeito, gênero — não são doutrina do Hermetismo antigo, mas formulação de uma obra esotérica moderna, *O Caibalion* (1908), publicada sob o pseudônimo "Três Iniciados". Igualmente modernas são as associações do Hermetismo à "lei da atração". Apresentá-las como núcleo consensual do Hermetismo greco-egípcio é um anacronismo que a boa pesquisa deve recusar.

²⁷ HERMETISMO. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hermetismo> Acesso em 12/07/2026.

²⁸ *CORPUS HERMETICUM*, tratados I, X e XIII. Fonte: https://teciduradasmoiras.com/wp-content/uploads/2017/09/corpus_hermeticum_hermes_trimegisto.pdf Acesso em 12/07/2026.

Compreendido em seu sentido histórico, o Hermetismo oferece algumas das imagens sugestivas referentes a iniciações como passagem das trevas à luz, a transformação interior, o conhecimento de si, a unidade do cosmos, a linguagem alegórica. Convém, no entanto, reter a advertência que, reconhecer uma afinidade simbólica entre Hermetismo e escolas filosóficas e mesmo influências históricas documentáveis, não equivale a demonstrar uma descendência direta — tese que a historiografia séria não sustenta de modo consensual.

2.10. O Budismo

Com o Budismo, as escolas do bem viver cruzam pela primeira vez a fronteira entre Ocidente e Oriente — e também a fronteira entre filosofia e via espiritual. Nascido da experiência de *Sidarta Gautama*, o Buda ("o desperto"), no norte da Índia por volta do séc. V a.C., o Budismo não se organiza em torno de um deus criador nem de uma teologia, mas de um diagnóstico e de uma terapia da condição humana. Por isso pode ser lido, sem violência, como uma das mais rigorosas filosofias práticas do bem viver que a humanidade produziu.

Seu diagnóstico está condensado nas *Quatro Nobres Verdades*, que têm a forma de um raciocínio médico — sintoma, causa, prognóstico, tratamento. A primeira constata o *dukkha*: a existência, tal como ordinariamente vivida, é marcada por insatisfação e sofrimento. A segunda identifica a causa: o *dukkha* nasce do desejo ávido e do apego (*tanhā*), enraizados na ignorância (*avidyā*). A terceira anuncia que a cessação é possível; extinto o apego, extingue-se o sofrimento. A quarta prescreve o caminho que a isso conduz.²⁹

A meta é a libertação — o *nirvana*, literalmente a "extinção" do fogo do desejo, da aversão e da ilusão. Não se trata de um aniquilamento niilista, mas da cessação daquilo que acorrenta a mente a seu próprio sofrimento. Essa libertação apoia-se em duas percepções centrais: a *impermanência* (*anicca*) — tudo o que existe está em fluxo, inclusive nossos estados mentais — e o *não-eu* (*anattā*) — aquilo que tomamos por um "eu" fixo é um composto instável de processos.

O tratamento é o *Nobre Caminho Óctuplo*, agrupado em três dimensões interdependentes: a *sabedoria* (*prajñā*): compreensão e intenção corretas; a *conduta ética* (*śīla*): fala, ação e modo de vida corretos; e a *disciplina mental* (*samādhi*): esforço, atenção plena (*sati*) e concentração corretos. Essas três dimensões são inseparáveis: não há meditação verdadeira sem base ética, nem ética plena sem o discernimento que a meditação cultiva.

²⁹ QUATRO NOBRES VERDADES. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Quatro_Nobres_Verdades Acesso em 12/07/2026.

Daí uma advertência que ecoa a cautela deste trabalho. A popularização contemporânea do *mindfulness* como mera técnica de foco, desligada da ética e da compaixão, empobrece a tradição. No Budismo, a atenção plena não serve ao desempenho, e sim à libertação; é inseparável da *compaixão* (*karunā*) por todos os seres e da benevolência (*mettā*) que a sustenta. Observar a impermanência das emoções, diminuir as reações automáticas, examinar se cada palavra e cada ato aumentam ou reduzem o sofrimento — eis a aplicação cotidiana de uma disciplina que é, ao mesmo tempo, mental e moral.³⁰

Ainda que não se postule qualquer influência histórica direta sobre a tradição iniciática ocidental, o diálogo filosófico é fecundo. O trabalho budista de vigilância sobre os impulsos e de observação dos estados mentais que precedem a ação oferece uma chave preciosa para reinterpretar sobre os vícios e as paixões, porém devemos ter o cuidado de não confundir diálogo comparativo com genealogia.

2.11. O Taoismo

Se o Budismo prescreve um caminho de disciplina, o Taoismo (também conhecido por Daoismo - o primeiro é baseado na transcrição *Wade-Giles* enquanto o segundo no *Hanyu Pinyin*) parece, à primeira vista, prescrever o contrário: não forçar caminho algum. É a mais paradoxal das escolas do bem viver, e também a que oferece o corretivo mais agudo contra a tentação de transformar o aperfeiçoamento de si em mais uma forma de esforço ansioso e controlador. Suas fontes clássicas são o *Tao Te Ching* ("o Livro do Caminho e da Virtude"), atribuído ao semilendário Lao-Tsé, e os escritos de Zhuangzi, do séc. IV a.C.

No centro de tudo está o *Tao* — o "Caminho" —, princípio inefável e inexaurível que origina e sustenta todas as coisas, mas que não se deixa capturar por nome ou conceito: "o Tao que pode ser dito não é o Tao eterno", abre o livro.³¹ Dele deriva o *Te*, a virtude ou potência que cada ser manifesta quando vive conforme sua própria natureza. Essa natureza se exprime em dois conceitos capitais. O primeiro é o *ziran*, a "naturalidade" ou espontaneidade. O segundo é o *wu wei*, frequentemente traduzido por "não ação", mas entendido com mais precisão como *ação não forçada*: agir em conformidade com o curso das coisas, sem violência nem artifício.

O diagnóstico taoísta da desordem decorre daí. Sofremos e geramos sofrimento, segundo o Taoismo, pelo excesso: pelo controle obsessivo, pela rigidez, pela multiplicação

³⁰ DHAMMAPADA. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Darmapada> Acesso em: 12/07/2026.

³¹ LAO-TSÉ. *Tao Te Ching*. Fonte: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-71576/tao-te-ching> Acesso em: 12/07/2026.

artificial de desejos e normas, pelo afã de intervir e dominar. Quanto mais regras e ambições se acumulam, mais a vida se afasta de sua simplicidade originária — a "madeira não lavrada" (*pu*) que o sábio procura preservar em si.

A meta é a harmonia com o Tao — viver conforme a naturalidade, reconquistando a simplicidade e a quietude. E a prática que a isso conduz é o *wu wei*, com sua imagem mais célebre: a *água*. Nada no mundo é mais flexível e cedente que a água; e, no entanto, nada a supera no desgaste do duro e do rígido. A água não disputa, contorna; não se impõe, ocupa os espaços mais baixos. Daí a lição: favorecer intervenções menores e oportunas, processos simples, atenção aos efeitos não intencionais — e desconfiar da força que, de tão aplicada, produz o oposto do que pretende.

É preciso desfazer um mal-entendido tão comum quanto o que cerca o Estoicismo: o *wu wei* não é inércia nem indiferença. Não se trata de nada fazer, mas de não fazer *em excesso* nem *contra a natureza* das situações — de agir com sensibilidade ao contexto, no momento certo e na medida certa. O sábio taoísta não é indolente; é eficaz sem alarde.

Para o nosso percurso, o Taoismo acrescenta um princípio que nenhuma das escolas ocidentais formula com igual clareza: o da *ação proporcional*. Toda construção exige força, mas exige também medida, tempo e conhecimento do material. Essa intuição permite corrigir uma leitura excessivamente voluntarista do aperfeiçoamento, como se toda resistência devesse ser vencida pela intensidade do empenho. Sua lição sobre a medida e a não violência encontrará ressonância, na ideia de que a pedra se desbasta com arte, e não com fúria.

2.12. O Confucionismo

Encerramos as tradições asiáticas com aquela que menos se parece com uma busca individual da tranquilidade — e que, por isso mesmo, oferece o corretivo mais necessário a todas as demais. Pois o Confucionismo parte de uma convicção que as filosofias centradas na serenidade interior tendem a deixar na sombra: a de que não há bem viver puramente privado, porque o ser humano é, antes de tudo, um ser de relações. Fundada por Confúcio (Kong Fuzi, 551–479 a.C.) e transmitida sobretudo pelos *Analectos* (*Lun Yu*), essa tradição moldou por milênios a vida moral e política da China.

O diagnóstico confuciano localiza a desordem não primeiramente na alma isolada, mas no tecido das relações humanas: quando os ritos se esvaziam, quando cada um deixa de cumprir seu papel, quando o egoísmo rompe os laços de reciprocidade, a sociedade adocece e, com ela,

as pessoas. A resposta está no *autocultivo* (*xiushen*) que se projeta, em círculos concêntricos, da pessoa para a família, da família para a comunidade e desta para o governo.³²

Dois conceitos sustentam todo o edifício. O primeiro é o *ren* — "humanidade", "benevolência" ou "cuidado pelos outros" —, a virtude suprema; é dele a formulação negativa da regra de ouro: "não imponhas aos outros o que não desejas para ti mesmo".³³ O segundo é o *li* — o conjunto dos ritos, das formas de conduta, da cortesia e da civilidade — que educa, pela repetição consciente, o respeito e o autodomínio. Aqui reside uma intuição decisiva: o rito, no Confucionismo, não é formalismo vazio nem etiqueta externa. É uma *pedagogia do caráter*. Ao praticar os gestos do respeito, aprende-se a respeitar; a forma exterior modela a disposição interior.

A meta desse processo é tornar-se um *junzi* — "homem nobre" ou "pessoa exemplar", não no sentido de nascimento, mas de realização moral. O *junzi* não é o sábio distante, e sim aquele cujo caráter cultivado se torna fonte de harmonia à sua volta, influenciando os demais menos pela imposição do que pelo exemplo. As práticas que a isso conduzem são o estudo incessante, a observância atenta dos ritos, o cultivo das relações fundamentais e a exemplaridade pessoal.

Dessa perspectiva, o Confucionismo corrige diretamente as abordagens excessivamente individualistas do bem viver: não basta a paz interior, não basta o domínio de si. É preciso aprender a cumprir papéis, a cuidar das relações e a criar as condições coletivas para uma vida digna. A excelência que não se traduz em responsabilidade para com os outros permanece incompleta.

É por tudo isso que o Confucionismo talvez seja, entre as tradições orientais, àquela de maior afinidade estrutural com o universo do autocultivo, educação, ritual, cortesia, respeito, exemplaridade e responsabilidade comunitária — e a compreensão confuciana do rito como formação moral oferecerá uma das chaves mais fecundas para interpretar o sentido dos rituais iniciáticos.

2.13. A sabedoria cristã do bem viver

Seria uma lacuna grave omitir a tradição que, no Ocidente, mais profundamente herdou e transformou a filosofia antiga: o cristianismo. *Pierre Hadot* mostrou que o cristianismo dos

³² XIUZHEN TU, o mapa do Cultivo da Realidade. Fonte: <https://shinjigenkan.com.br/xiuzhen-tu-o-mapa-do-cultivo-da-realidade/> Acesso em: 25/07/2026.

³³ CONFÚCIO. *Os Analectos*, XV. Fonte: <https://cabana-on.com/Ler/wp-content/uploads/2017/09/Os-Analectos-Confucio.pdf> Acesso em: 25/07/2026.

primeiros séculos se apresentou, ele próprio, como uma *filosofia* — isto é, como um modo de vida integral, dotado de exercícios espirituais —, assimilando boa parte das práticas estoicas e platônicas de cuidado de si.³⁴ Convém uma precisão de método: trata-se de considerar a tradição cristã em seu aspecto filosófico e sapiencial — como via de aperfeiçoamento moral e espiritual —, e não em registro teológico ou confessional. A questão das relações históricas entre a Igreja e a Maçonaria pertence a outra ordem e será abordada na Parte II.

O diagnóstico cristão tem uma formulação inesquecível na abertura das *Confissões* de Santo Agostinho: "fizeste-nos para ti, e o nosso coração está inquieto enquanto não repousa em ti".³⁵ A raiz do mal-estar humano é a desordem do desejo — o amor que se dispersa entre bens finitos e não encontra descanso. A meta, correlativamente, não é a mera tranquilidade terrena, mas a *beatitudo*: a felicidade plena, entendida como comunhão com Deus.

Duas grandes sínteses mostram a continuidade com as escolas examinadas. A primeira é a de Santo Agostinho (354–430), que cristianiza o Neoplatonismo: a ascensão da alma torna-se itinerário para Deus, conservando o movimento de interiorização — "não queiras derramar-te para fora; retorna a ti mesmo: a verdade habita no homem interior".³⁶ A segunda é a de Santo Tomás de Aquino (1225–1274), que incorpora a ética aristotélica da felicidade e do hábito, articulando as quatro virtudes cardeais — prudência, justiça, fortaleza e temperança — com as três teologais — fé, esperança e caridade — e fazendo de Aristóteles, a quem chamava "o Filósofo", um pilar do pensamento cristão.

No plano das práticas, a tradição cristã dialoga ponto a ponto com os exercícios antigos: o exame de consciência diário, a *lectio divina*, a oração, o jejum, a direção espiritual. Seu exemplo mais eloquente são os *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio de Loyola (1491–1556) — não um livro a ser lido, mas um método graduado a ser praticado, um itinerário destinado a ordenar a vida, discernir e transformar-se. Não é por acaso que a própria expressão com que Hadot designa toda a filosofia antiga provém dessa linhagem.

A ressonância com o percurso que nos aguarda é notável. A espiritualidade cristã clássica descreve o caminho da alma em três etapas — a *via purgativa* (purificação dos vícios), a *via iluminativa* (crescimento nas virtudes e na luz) e a *via unitiva* (união com Deus) —,

³⁴ HADOT, Pierre. *O que é a filosofia antiga?* São Paulo: Loyola, 2004.

³⁵ AGOSTINHO. *Confissões*, I, 1. Fonte: <https://www.evangelizandocommaria.com.br/livros/Confissões%20-%20Santo%20Agostinho.pdf> Acesso em: 25/07/2026.

³⁶ AGOSTINHO. *A verdadeira religião*. Fonte: https://www.padredanielribeiroscj.com.br/?jet_download=4331e526488e2123f3e35383db2fe725ab02aac6 Acesso em: 25/07/2026.

esquema que oferece um paralelo impressionante com a estrutura iniciática da passagem das trevas à luz. A imagem paulina do ser humano como "templo de Deus", a edificar e purificar interiormente, fornece uma das chaves simbólicas mais diretas para o tema central deste trabalho: a edificação do templo interior.

2.14. O Existencialismo

Entre as tradições reunidas neste trabalho, o Existencialismo é a mais recente e a mais inquietante. Não é uma "arte de viver" com exercícios codificados, à maneira dos antigos, mas uma filosofia da existência que, no século XX, reformulou a pergunta sobre o bem viver em termos radicalmente novos. Suas raízes estão em Kierkegaard e Nietzsche, e seus grandes nomes são Heidegger, Jean-Paul Sartre, Albert Camus e Simone de Beauvoir. Incluí-lo é reconhecer que a pergunta socrática — como viver? — permanece viva, agora despojada das certezas metafísicas que sustentavam as escolas anteriores.

A tese que condensa o Existencialismo sartriano é a fórmula "a existência precede a essência".³⁷ Para as filosofias clássicas, havia uma natureza humana dada, um fim inscrito no ser do homem. O Existencialismo inverte a ordem: o ser humano primeiro existe e só depois se define — pelo que faz de si mesmo através de suas escolhas. Não há essência a cumprir; cada um é o que escolhe ser. Daí a afirmação, ao mesmo tempo libertadora e vertiginosa, de que o homem está "condenado a ser livre".

Dessa liberdade decorre o diagnóstico existencialista do mal viver. A fonte da inautenticidade é aquilo que Sartre chamou de *má-fé* (*mauvaise foi*): a fuga diante da própria liberdade, o autoengano de quem se esconde atrás de papéis e supostos determinismos para não assumir a responsabilidade de existir. E essa responsabilidade, adverte Sartre, não é apenas individual: ao escolher, escolho uma imagem do humano.

A meta é a *autenticidade*: assumir lucidamente a liberdade e a responsabilidade, e fazer da própria vida um projeto deliberado. A essa exigência somam-se dois temas capitais. O primeiro é a *finitude*: Heidegger mostra que é a consciência da morte — o ser-para-a-morte — que individualiza a existência e confere urgência às escolhas. O segundo é o *absurdo*, tematizado por Camus: o choque entre a nossa sede de sentido e o silêncio do mundo. A resposta de Camus não é o desespero, mas a *revolta* lúcida — "é preciso imaginar Sísifo feliz".³⁸

³⁷ SARTRE, Jean-Paul. *O Existencialismo é um humanismo*. Fonte: <https://we.riseup.net/assets/455403/Existencialismo.pdf> Acesso em: 25/07/2026.

³⁸ CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

Convém, porém, a mesma precisão de enquadramento que oferecemos à sabedoria cristã. O Existencialismo é o *herdeiro moderno* da pergunta antiga, e não uma de suas escolas de exercícios; e suas vertentes ateias — sobretudo a sartriana — entram em tensão aberta com qualquer fundamento transcendente, questão que terá peso importante em nossas análises comparativas. Ainda assim, três de suas intuições são de valor permanente: a de que o caráter não é dado, mas construído por escolhas repetidas; a de que a autenticidade exige recusar o autoengano; e a de que a consciência da finitude confere seriedade ao trabalho de fazer-se a si mesmo.

2.15. Outras vozes do bem viver

Um trabalho desta natureza não poderia percorrer todas as tradições que, ao longo da história, trataram da arte de viver. A honestidade intelectual pede, porém, que ao menos se reconheçam algumas das vozes que ficaram à margem — não por menor importância, mas por exigência de recorte.

Entre os antigos, os *cirenaicos*, fundados por Aristipo de Cirene, merecem registro como contraponto radical a Epicuro: identificavam o bem com o prazer imediato, sensível e intenso, lembrando-nos de que a própria palavra "prazer" nunca foi conceito unívoco. No Oriente, para além do Budismo e das tradições chinesas, o *hinduísmo* oferece, na *Bhagavad-gītā* e nas sendas do *yoga*, uma das mais influentes doutrinas do bem viver: em especial o *karma-yoga*, a via da ação desapegada de seus frutos — próxima da recomendação estoica de agir bem sem se prender ao resultado. O *jainismo*, com sua *ahimsā* (não violência radical), e o *sufismo* islâmico, com sua disciplina de purificação do coração e sua estrutura de via iniciática sob a direção de um mestre, completariam o quadro das grandes espiritualidades práticas.

Merece registro, ainda, o zoroastrismo, fundado por Zaratustra (Zoroastro) na antiga Pérsia e considerado uma das mais antigas religiões reveladas da humanidade. Embora seja, por natureza, uma religião — centrada no culto a Ahura Mazda e num dualismo cósmico entre o bem e o mal —, e pertença, portanto, a registro distinto do das filosofias antigas, seu núcleo ético é de uma simplicidade luminosa e diretamente afim ao tema do bem viver: a tríade Humata, Hukhta, Huvarshta — “bons pensamentos, boas palavras e boas ações” —, somada ao ideal de viver em conformidade com Asha, a verdade e a ordem justa do mundo, contra Druj, a mentira e o caos.³⁹

³⁹ ZOROASTRISMO. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Zoroastrismo> Acesso em: 11/10/2026.

A isso acrescenta-se um simbolismo do fogo e da luz, e uma oposição entre luz e trevas, que ressoa de modo notável com a passagem das trevas à luz cara à tradição iniciática. Convém, porém, a mesma cautela que guia todo este trabalho: a presença do nome de Zoroastro em certas correntes esotéricas e em graus filosóficos é matéria de afinidade simbólica e de lenda de origem, não de filiação histórica demonstrada.

Há ainda uma voz que, pela própria natureza do simbolismo maçônico, não poderia faltar: a tradição sapiencial hebraica. Os livros sapienciais do Antigo Testamento — Provérbios, Eclesiastes (Qohélet) e Jó, aos quais a tradição acrescenta o Eclesiástico (Ben Sira) e a Sabedoria — são, todos eles, uma reflexão prática sobre como viver bem. De Provérbios vem a sentença que lhes serve de divisa, “o temor do Senhor é o princípio da sabedoria”, e com ela o apreço pela prudência, pela retidão e pela justa medida; de Eclesiastes, o célebre “ vaidade das vaidades”, que denuncia a futilidade do acúmulo e convida a viver com simplicidade e gratidão diante da brevidade da existência; de Jó, a lição sobre os limites do entendimento humano perante o sofrimento.⁴⁰ Trata-se de sabedoria de registro religioso e sagrado; mas a sua reflexão sobre a conduta, a medida e a finitude coloca-a, de pleno direito, entre as vozes do bem viver.

No limiar da modernidade, o humanismo renascentista reacende essa herança: Marsílio Ficino reintroduz Platão e os textos herméticos no Ocidente, e Pico della Mirandola, no Discurso sobre a dignidade do homem, celebra a liberdade do ser humano de moldar a si mesmo — antecipando, em chave filosófica, a ideia de um aperfeiçoamento que é obra da própria vontade.⁴¹

Na modernidade, a pergunta antiga reacende-se sob novas formas. Montaigne, em seus *Ensaio*s, reabre o diálogo vivo com estoicos, cétricos e epicuristas. Schopenhauer, nos *Aforismos para a sabedoria de vida*, constrói uma verdadeira “eudemonologia” — uma arte de conduzir a existência do modo menos infeliz possível. E Viktor Frankl, a partir da experiência-limite dos campos de concentração, funda a *logoterapia* sobre a tese de que o núcleo do bem viver é a descoberta de um *sentido*, capaz de sustentar o ser humano mesmo no sofrimento extremo.

Ainda no horizonte moderno, e de especial relevância no Brasil, situa-se o *espiritismo* codificado por Allan Kardec a partir de *O Livro dos Espíritos* (1857). Embora se apresente, por autodefinição, como “ciência, filosofia e religião” — e pertença, portanto, a um registro distinto do das filosofias antigas —, o espiritismo propõe um programa de bem viver de núcleo

⁴⁰ BIBLIA SAGRADA. Fonte: <https://www.bibliaonline.com.br/acf> Acesso em: 11/10/2026.

⁴¹ PICO DELLA MIRANDOLA, Giovanni. Discurso sobre a dignidade do homem. Edição bilingue. Lisboa: Edições 70.

marcadamente ético: a *reforma íntima*, isto é, o trabalho contínuo de autoaperfeiçoamento moral; a *caridade* como centro da conduta ("fora da caridade não há salvação"); e a evolução progressiva do espírito ao longo de múltiplas existências — ideia cuja ascendência remonta, tematicamente, é contra a metempsicose pitagórico-platônica, mas a transmigração da alma — somente em corpos humanos, que já encontramos. Incluí-lo neste panorama, sem equipará-lo às escolas filosóficas em sentido estrito, é reconhecer que a antiga pergunta sobre como viver bem segue sendo formulada, também entre nós, por tradições espirituais vivas e socialmente influentes.

Mais decisivo, porém, para a tese deste trabalho é notar que a filosofia acadêmica contemporânea promoveu uma explícita *retomada da ética das virtudes*. A partir do ensaio seminal de Gertrude Elizabeth Margaret Anscombe e, sobretudo, de *Depois da virtude* (1981), de Alasdair MacIntyre, e da obra de Martha Nussbaum e Philippa Foot, recuperou-se a convicção aristotélica de que o cerne da vida moral não está no mero cumprimento de regras ou no cálculo de consequências, mas na *formação do caráter* e na aquisição de virtudes ao longo de uma vida — pensada, em MacIntyre, como uma narrativa dotada de unidade, inserida numa tradição e numa comunidade.⁴²

Também o pensamento africano contemporâneo tem o que dizer: a filosofia ubuntu — condensada na máxima “sou porque somos” — recoloca o bem viver num horizonte comunitário, em que a pessoa só se realiza na relação com as outras, num eco surpreendente tanto do confucionismo quanto do ideal maçônico de fraternidade.⁴³

Um último esclarecimento de recorte. Algumas tradições foram deliberadamente deixadas de fora, não por menor valor, mas por razões precisas. O gnosticismo e o orfismo sobrepõem-se, em seus temas essenciais, ao hermetismo e ao pitagorismo já tratados. O rosacrucianismo e a alquimia espiritual, mencionados na Parte II, dizem respeito mais à história esotérica de certos ritos do que a uma filosofia do bem viver. O maniqueísmo e o sikhismo permanecem marginais ao recorte adotado. E a ética kantiana, embora central na filosofia moral moderna, funda-se no conceito de dever, e não na ideia de uma arte de viver. Delimitar é, também, um exercício de honestidade intelectual.

Convém encerrar com a mesma ressalva crítica que acompanhou cada seção: a atual proliferação de versões populares dessas sabedorias — o "Estoicismo" de autoajuda, o

⁴² MACINTYRE, Alasdair. *Depois da virtude: um estudo em teoria moral*. Bauru: EDUSC, 2001.

⁴³ A FILOSOFIA UBUTU. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ubuntu_\(filosofia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ubuntu_(filosofia)) Acesso em: 11/10/2026.

mindfulness desgarrado da ética, a espiritualidade de consumo — frequentemente amputa das fontes sua dimensão moral e social, convertendo o que era caminho de transformação em técnica de desempenho. Recuperar essas tradições com seriedade exige restituir-lhes aquilo que a popularização tende a suprimir.

2.16. Síntese da Parte I e passagem à Parte II

Percorridas as escolas, impõe-se a pergunta sobre o que delas reter. Vimos que não oferecem uma receita única: divergem quanto ao estatuto do prazer, quanto ao peso dos bens externos, quanto à concepção do eu e quanto à existência de uma realidade divina. Seria um erro fundi-las numa síntese que apagasse suas diferenças — cada uma preserva um núcleo próprio, irreduzível, sem o qual se descaracteriza.

E, no entanto, algo as unifica. Todas, da nascente socrática às retomadas contemporâneas, compartilham a convicção de que filosofar é, antes de tudo, *trabalhar sobre si mesmo* — converter ideias em caráter, e caráter em conduta. Todas entendem o bem viver como uma prática, um exercício, uma disciplina continuada. É esse o fio — na expressão de Hadot, a filosofia como *modo de vida* — que permite tratá-las não como doutrinas rivais, mas como *lentes complementares*, cada qual diagnosticando com maior precisão um determinado padrão de desordem.

Essa convicção não é antiquária. A retomada contemporânea da ética das virtudes, ao recolocar a formação do caráter no centro da vida moral, mostra que a pergunta antiga permanece filosoficamente viva. Ora, é exatamente aí — na ideia de que o conhecimento só adquire valor quando se faz caráter, e de que o caráter se forma por um trabalho paciente, simbólico e comunitário — que as escolas do bem viver encontram seu ponto de contato com a instituição de que trataremos a seguir.

Se a filosofia antiga concebeu o ser humano como uma obra a ser esculpida, a Maçonaria fez dessa intuição todo um método. É a essa correspondência — suas afinidades reais e seus limites igualmente reais — que se dedica a Parte II.

As duas sínteses práticas a seguir recolhem, em forma de quadro, o essencial do que foi exposto: o primeiro orienta a escolha de uma tradição conforme o padrão de desordem predominante; o segundo propõe a integração dos exercícios num regime diário.

Quadro 1 — Critério de escolha das escolas do bem viver

Padrão dominante de desordem	Tradição que melhor o ilumina
Viver sem se examinar, sem clareza sobre si mesmo	Sócrates

Padrão dominante de desordem	Tradição que melhor o ilumina
Desarmonia interior; viver preso às sombras da caverna, sem clareza do bem	Platonismo (Platão)
Ansiedade por controle; perturbação com o que não depende de si	Estoicismo
Formar o caráter pelo hábito, integrando amizade e comunidade	Aristotelismo
Consumo, ambição e multiplicação de desejos e medos	Epicurismo
Dependência da aprovação alheia e do supérfluo	Cinismo
Dogmatismo, fanatismo, apego precipitado a certezas	Pirronismo
Busca de ordem, medida, harmonia e disciplina contemplativa	Pitagorismo
Anseio por interiorização e ascensão espiritual (das trevas à luz)	Neoplatonismo
Espiritualidade cosmológica, de regeneração e reintegração no divino	Hermetismo
Rigidez, hipercontrole e esforço artificial	Taoismo
Necessidade de vigilância dos impulsos e de compaixão	Budismo
Reconstrução da vida relacional, dos papéis e da responsabilidade	Confucionismo
Busca de sentido último e de uma via de purificação e comunhão	Sabedoria cristã
Reconstrução de propósito e responsabilidade diante da finitude	Existencialismo

Fonte: elaborado pelo autor (2026). Nota: a melhor escola não é a que mais conforta, mas a que diagnostica com maior precisão o padrão dominante de desordem.

Quadro 2 — Regime diário de exercícios do bem viver

Momento	Exercício	Tradição(ões)
Manhã — orientação	Breve exame de si; lembrar "conhece-te a ti mesmo"	Sócrates
	Definir uma virtude para o dia (justiça, coragem, moderação, sabedoria, compaixão)	Estoicismo, Aristotelismo
	Antecipar um obstáculo provável e escolher a resposta desejada	Estoicismo
	Identificar a principal ação sob controle direto	Estoicismo
	Acolher um instante de silêncio e recolhimento	Pitagorismo, Neoplatonismo, Cristã
Durante o dia — atenção	Distinguir acontecimento, interpretação e impulso	Estoicismo, Budismo
	Perguntar se o desejo é necessário, apenas natural ou vão	Epicurismo
	Testar se uma ação menor e mais ajustada produz melhor efeito	Taoismo
	Nas relações, pesar verdade, respeito e consequência; cumprir o próprio papel	Confucionismo, Budismo
Noite — revisão	Registrar uma ação boa, uma falha e uma correção concreta	Pitagorismo, Estoicismo
	Notar um apego ou medo que dominou o dia	Budismo
	Reconhecer algo recebido, sem tratá-lo como posse garantida	Epicurismo, Cristã

Fonte: elaborado pelo autor (2026). Nota: a força do regime está na repetição, não na intensidade — o sentido dos "exercícios espirituais" de Hadot.

3. PARTE II — AS FILOSOFIAS E A MAÇONARIA

3.1. A Maçonaria como filosofia praticada

Percorridas as escolas do bem viver, cabe agora enfrentar a questão que dá sentido a todo este trabalho: *que relação existe entre esse patrimônio filosófico e a Maçonaria?* A resposta exige evitar dois excessos simétricos. O primeiro seria negar qualquer vínculo, tratando a coincidência de temas como mero acaso. O segundo — mais sedutor — seria afirmar que a Maçonaria *é* estoica, ou hermética, ou pitagórica, ou a síntese acabada de todas elas. Nenhum dos dois se sustenta. A tese que aqui se defende é intermediária e, por isso mesmo, mais sólida: existe entre a Maçonaria e as escolas do bem viver uma afinidade filosófica e pedagógica real e fecunda — mas a Maçonaria constitui um *método iniciático e simbólico próprio*, desenvolvido historicamente em diferentes ritos e Obediências, capaz de acolher interpretações filosóficas variadas sem se reduzir a nenhuma delas.

A aproximação mais firme não se dá no plano das doutrinas metafísicas, mas no plano *ético e pedagógico*. E aqui as fontes institucionais são explícitas. O Grande Oriente do Estado de Mato Grosso, a qual faço parte, obediência regular e reconhecida mundialmente, resume os princípios da Ordem em quatro valores: integridade, amizade, respeito e serviço.⁴⁴ O Grande Oriente (assim como as demais Obediências regulares) enfatiza liberdade, igualdade e fraternidade, a par de educação, responsabilidade social e progresso moral.⁴⁵ E as *Constituições* de 1723, documento basilar da Maçonaria especulativa, vinculam o maçom à lei moral, à honestidade, à civilidade, ao mérito pessoal e à amizade entre pessoas de convicções diferentes.⁴⁶ São exatamente os valores em torno dos quais gravitaram as escolas da Parte I.

Mais importante que a coincidência de valores é a coincidência de *método*. Assim como as filosofias antigas, segundo Hadot, *não se contentavam em transmitir conceitos, mas pretendiam transformar o modo de perceber, desejar e agir, também a Maçonaria quer que princípios abstratos se convertam em caráter e conduta*. É nesse sentido preciso que se pode falar dela como uma *filosofia praticada*. Seus rituais, suas alegorias e seus instrumentos simbólicos funcionam como exercícios de memória moral: o maçom é convidado a examinar-se, a trabalhar as próprias imperfeições, a organizar o tempo, a moderar as paixões, a agir com

⁴⁴ FREEMASON. Fonte: <https://www.freemason.pt/a-grande-loja-unida-de-inglaterra-ugle-lancou-os-guiding-principles/> Acesso em: 23/08/2026.

⁴⁵ GOEMT, Constituição do, Disposições Preliminares, Grande Oriente do Estado de Mato Grosso, 2020.

⁴⁶ ANDERSON, James. *As Constituições dos Franco-Maçons* (1723).

retidão e a tornar-se útil à comunidade. *Não basta conhecer os princípios; é preciso repeti-los, representá-los simbolicamente e aplicá-los.*

Dessa perspectiva, a Loja pode ser compreendida como uma *comunidade de formação moral*, análoga, em sua função, à escola filosófica antiga. E a imagem central do simbolismo maçônico — a construção do templo — adquire duplo sentido: designa simultaneamente o aperfeiçoamento interior da pessoa e a edificação de uma sociedade mais justa. Trabalhar a pedra é trabalhar a si mesmo; e trabalhar a si mesmo é contribuir para o edifício comum.

Há, nas *Constituições* de 1723, uma fórmula que condensa esse espírito: a Loja é descrita como um "centro de união", destinado a estabelecer amizade e concórdia entre pessoas que, fora dela, permaneceriam separadas por suas diferenças.⁴⁷ Esse ideal — o de uma fraternidade que se constrói apesar e através da diversidade de origens e crenças — será um dos pontos em que a Maçonaria vai além do que a maioria das escolas antigas chegou a formular.

3.2. Um mapa das correspondências

Uma dificuldade de método se impõe antes de prosseguir. Poderíamos percorrer as escolas uma a uma, perguntando de cada qual "o que ela tem a ver com a Maçonaria?". Esse caminho repetiria a exposição já feita na Parte I e sugeriria falsamente que a cada escola corresponde um aspecto isolado da Maçonaria. A realidade é mais rica. Os grandes temas do trabalho maçônico — o domínio das paixões, a formação do caráter, a fraternidade, a via iniciática, o sentido da existência — são, cada um deles, *pontos de convergência* para onde ocorrem simultaneamente várias tradições.

Por isso optamos por organizar esta parte não por escolas, mas por *temas simbólicos*. Antes de desenvolvê-los, convém enunciá-los, como um mapa do percurso: o domínio de si e o governo das paixões (Estoicismo, Budismo, Taoismo); a edificação do caráter — hábito, comunidade e ritual (Aristotelismo, Confucionismo); a justa medida e a convivência fraterna — amizade, igualdade e tolerância (Epicurismo, Cinismo, Pirronismo); a via iniciática — das trevas à luz, o número e a transformação interior (Pitagorismo, Neoplatonismo, Hermetismo e mística cristã); e o sentido, a liberdade e a finitude (Existencialismo e a dimensão de sentido da tradição cristã).

Atravessando todos esses temas corre um único fio, que é também a nascente da Parte I: o "conhece-te a ti mesmo" socrático. O autoconhecimento não é um tema entre outros, mas a

⁴⁷ ANDERSON, James. *As Constituições dos Franco-Maçons* (1723).

condição de todos — e não por acaso ressoa, de modo quase literal, no convite que a iniciação dirige ao neófito. Por fim, uma advertência que vale como chave de leitura: estas são correspondências *interpretativas e comparativas*, não teses de descendência histórica. A essa distinção dedicaremos uma seção própria ao final.

3.3. O domínio de si e o governo das paixões

O primeiro trabalho que se apresenta ao Aprendiz é também o mais antigo de toda a filosofia: *trabalhar a si mesmo*. A Maçonaria traduz essa tarefa numa imagem de força incomparável — a *pedra bruta*. O iniciado é essa pedra ainda informe, carregada de arestas, vícios e paixões desordenadas; e os instrumentos que recebe, o *maço* e o *cinzel*, representam a força da vontade e o discernimento que removem o supérfluo até revelar, na pedra, a forma regular que nela estava latente.⁴⁸ Desbastar a pedra é, antes de tudo, governar a si mesmo. É aqui que três tradições da Parte I — o Estoicismo, o Budismo e o Taoismo — convergem sobre o trabalho maçônico.

O *Estoicismo* oferece a correspondência mais direta. Para os estoicos, o núcleo da vida boa está em distinguir o que depende de nós daquilo que não depende, e em não nos deixarmos arrastar por paixões fundadas em juízos falsos. *É esse o sentido do desbaste da pedra: submeter os impulsos ao exame da razão, moderar os desejos, cultivar a retidão*. Não por acaso, um estudo acadêmico da Universidade de Oxford identifica na Maçonaria do Iluminismo uma ética de autonomia, responsabilidade por si e exemplo moral marcada pela influência do Estoicismo clássico, sobretudo no controle das paixões e na firmeza diante do destino.⁴⁹ A tradução simbólica dessa ética está nos próprios instrumentos de trabalho, descritos pelos textos maçônicos como emblemas de moralidade, justa conduta e domínio dos desejos.

Impõe-se, contudo, a mesma ressalva feita na Parte I: "dominar as paixões" não significa extirpar toda emoção. Numa leitura equilibrada — fiel tanto ao Estoicismo autêntico quanto ao espírito fraterno da Ordem —, significa submeter ao exame racional os impulsos destrutivos, preservando a compaixão, a amizade e a capacidade de indignar-se diante da injustiça. O maçom que, a pretexto de autodomínio, se tornasse frio ou indiferente teria desbastado mal a própria pedra.

⁴⁸ CAMINO, Rizzardo da. *O Aprendiz Maçom*. MADRAS.

⁴⁹ ÖNNERFORS, Andreas. *Freemasonry: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2017. Fonte: <https://cdn.bookey.app/files/pdf/book/en/freemasonry.pdf> Acesso em: 23/08/2026.

O *Budismo* aprofunda esse trabalho num ponto específico: a vigilância dos estados mentais que precedem a ação. Onde o Estoicismo examina o juízo, o Budismo observa o impulso em sua nascente — a reação automática, o apego, a aversão — e ensina a notar a impermanência das emoções antes que elas se convertam em atos. O trabalho maçônico sobre os vícios e as paixões pode, assim, ser reinterpretado como uma atenção contínua: *não basta reprimir a aresta quando ela já feriu; trata-se de perceber o movimento interior que a produz. A disciplina do cinzel torna-se disciplina da atenção.*

O *Taoismo*, por fim, corrige um risco que espreita todo iniciado zeloso: o de confundir aperfeiçoamento com esforço violento. *A pedra, lembra a própria sabedoria do ofício, desbasta-se com arte, e não com fúria — golpes desmedidos a estilhaçam.* O princípio taoísta do *wu wei*, a ação não forçada, e a imagem da água, que vence o duro pela constância e não pelo embate, ensinam que o trabalho sobre si exige medida, tempo e conhecimento do material. Nem toda resistência interior deve ser vencida pela intensidade; muitas cedem apenas à paciência.

Reunidas, as três tradições revelam a riqueza do que poderia parecer um simples preceito moral. Governar as paixões não é, para nenhuma delas, endurecer-se nem silenciar a vida afetiva: é *ordená-la* — pelo exame (Estoicismo), pela atenção (Budismo) e pela justa medida (Taoismo). O Aprendiz que toma do maço e do cinzel executa, sem talvez o saber, um gesto que Zenão, o Buda e Lao-Tsé reconheceriam como seu. Trata-se de uma convergência de sentido, e não de uma transmissão histórica.

3.4. A edificação do caráter: hábito, comunidade e ritual

Se o tema anterior tratava do trabalho de *remoção* — desbastar a pedra, governar as paixões —, este trata do trabalho de *construção*: a formação positiva do caráter e das virtudes. A mesma pedra que se desbasta deve, com o tempo, tornar-se pedra regular, apta a integrar-se ao edifício comum. Duas tradições iluminam, mais que quaisquer outras, esse processo: o Aristotelismo, com sua teoria do hábito, e o Confucionismo, com sua compreensão do rito.

O *Aristotelismo* fornece a chave teórica. Para Aristóteles, as virtudes morais adquirem-se pela *habituação*: "tornamo-nos justos praticando atos justos", até que a virtude se estabilize como disposição firme do caráter. É exatamente assim que opera a Maçonaria. A Loja pode ser compreendida como uma *oficina de hábitos*: a *pontualidade*, a *escuta atenta*, a *cortesia*, o *cumprimento da palavra dada*, a *responsabilidade nas tarefas*, a *assiduidade aos trabalhos* — tudo isso, repetido conscientemente, educa o caráter mais do que qualquer preleção. O Aprendiz

recebe, aliás, um instrumento que simboliza essa disciplina: a régua de vinte e quatro polegadas, emblema da divisão sábia do tempo.⁵⁰ A virtude, aqui como em Aristóteles, é fruto de exercício, não de intenção.

Há, ademais, um segundo traço aristotélico na Maçonaria: a convicção de que o aperfeiçoamento acontece *em comunidade*. Aristóteles dedicou à amizade dois livros inteiros de sua *Ética*, distinguindo a amizade virtuosa — a convivência entre pessoas que reconhecem e estimulam reciprocamente o bom caráter — das que se fundam no proveito ou no prazer. A Loja aspira a ser uma comunidade dessa espécie: não uma associação de interesses, mas *um ambiente em que os irmãos se incentivam mutuamente a ser melhores*. O caráter não se poliria no isolamento; precisa do espelho e do estímulo dos outros.

O *Confucionismo* acrescenta a essa edificação a sua intuição mais preciosa: a do *rito como pedagogia*. Para Confúcio, o *li* não é formalismo vazio nem etiqueta externa, mas um método de formação moral. Ao praticar os gestos do respeito, aprende-se a respeitar; a forma exterior modela, pela repetição, a disposição interior. Essa compreensão oferece a mais fecunda das chaves para interpretar o sentido dos rituais maçônicos: longe de serem cerimônia morta, eles são exercícios de memória moral — gestos que, repetidos com consciência, inscrevem no caráter aquilo que as palavras apenas enunciam. *O ritual, bem compreendido, é pedagogia, e não fim em si mesmo*.

O Confucionismo lembra ainda que o autocultivo é inseparável da *responsabilidade relacional*. O caráter se forma e se prova no cumprimento dos papéis — na família, no trabalho, na comunidade. Também aqui a ressonância é direta: *a formação recebida na Loja não se destina a permanecer entre suas colunas, mas a manifestar-se na conduta do maçom como pai, profissional e cidadão*.

Reunidos, Aristóteles e Confúcio sustentam uma mesma convicção, que é o próprio fundamento do método maçônico: o caráter não nasce pronto — *edifica-se*, lentamente, pela repetição de atos bons e de ritos conscientes, no interior de uma comunidade que o cultiva. É a tradução, em termos de formação humana, daquilo que a retomada contemporânea da ética das virtudes veio reafirmar: que a vida moral tem no caráter, e não na regra isolada, o seu centro.

⁵⁰ CAMINO, Rizzardo da. *O Aprendiz Maçom*. MADRAS

3.5. A justa medida e a convivência fraterna: amizade, igualdade e tolerância

Depois do trabalho sobre si, abre-se a dimensão que distingue a Maçonaria de uma simples escola de ascese individual: a da *convivência fraterna*. A Loja não é um lugar de aperfeiçoamento solitário; é um corpo de irmãos. E três tradições convergem sobre os símbolos dessa vida comum: o nível, emblema da igualdade, e a imagem da Loja como "centro de união".

O *Epicurismo* contribui com a valorização da amizade e da justa medida. Epicuro celebrava a amizade como o maior dos bens que a sabedoria proporciona, e associava a vida boa não ao excesso, mas à serena suficiência. Ora, as próprias *Constituições* de 1723 recomendam ao maçom a convivência harmoniosa e a alegria moderada, evitando os excessos e tudo quanto possa ofender a concórdia entre os irmãos.⁵¹ *A ágape fraterno, a sobriedade de conduta, o cultivo da amizade como vínculo — tudo isso traduz a lição epicurista de que a felicidade floresce menos na abundância do que na amizade e na medida*. Resta uma diferença metafísica substancial: o Epicurismo antigo é materialista e não concebe uma providência divina, ao passo que muitas Obediências regulares exigem a crença num Ser Supremo. A contribuição epicurista é, portanto, ética, não teológica.

O *Cinismo* oferece o antídoto contra a vaidade. Os cínicos denunciavam o quanto da inquietação humana depende da riqueza, dos títulos e da aparência. Esse diagnóstico encontra tradução no simbolismo maçônico da *igualdade*. O nível ensina que, no interior do Templo, não há fortuna ou prestígio exterior que estabeleça hierarquia entre os irmãos: o único mérito que conta é o do caráter. A própria pedra bruta recorda que o valor do homem não está no que herdou, mas no que faz de si pelo trabalho. Não por acaso, diversas fontes maçônicas descrevem como adversários a ignorância, o fanatismo, o orgulho e o vício. O Grande Oriente do Estado de Mato Grosso e as demais Obediências regulares, vinculam suas identidades à igualdade, à cidadania e à responsabilidade social.⁵²

O *Pirronismo*, por fim, fundamenta filosoficamente a *tolerância*. O ceticismo antigo ensinava a suspender o juízo diante do que não se pode demonstrar, combatendo o dogmatismo e o fanatismo. É essa prudência que permite à Loja reunir, em harmonia, pessoas de convicções religiosas e políticas diversas: nas tradições regulares, evita-se transformar tais divergências em disputa interna, protegendo a concórdia e a liberdade de consciência. A Loja realiza, assim, o ideal das *Constituições* de 1723 — ser um "centro de união". Há, contudo, um limite que o

⁵¹ ANDERSON, James. *As Constituições dos Franco-Maçons* (1723).

⁵² GOEMT, Constituição do, Disposições Preliminares. Grande Oriente do Estado de Mato Grosso, 2020.

próprio ceticismo maduro reconhece: tolerância não é relativismo moral. Suspender certas metafísicas contestáveis é coisa distinta de dissolver todo compromisso ético — e as Constituições pressupõem, sem ambiguidade, a lei moral, a honra e a honestidade.

Reunidas, essas três tradições revelam um aspecto em que a Maçonaria talvez vá além do que a maioria das escolas antigas chegou a formular: a construção de uma fraternidade *através* da diferença. Epicuro reuniu amigos afins em seu Jardim; a Maçonaria propõe reunir, sob o nível, homens de origens, crenças e condições diversas, fazendo da própria pluralidade — temperada pela moderação, pela igualdade e pela tolerância — o material de uma concórdia deliberadamente construída.

3.6. A via iniciática: das trevas à luz, o número e a transformação interior

Chegamos ao tema mais sugestivo do ponto de vista simbólico — e ao mais delicado do ponto de vista histórico. É aqui que convergem as tradições que falam a linguagem da iniciação: o Pitagorismo, o Neoplatonismo, o Hermetismo e a mística cristã. E é aqui, precisamente por ser o terreno onde mais proliferam as fantasias de origem, que a cautela deve ser mais firme. Trataremos primeiro das afinidades para, ao final, enunciar seus limites.

A imagem que organiza todo o tema é a *passagem das trevas à luz*. O candidato à iniciação é introduzido privado da visão, conduzido na escuridão; recolhe-se antes na câmara de reflexão, espaço de silêncio e confronto consigo mesmo, onde medita sobre a própria finitude e sobre o que deseja fazer de si; e só então, cumpridas as provas, recebe a luz.⁵³ Esse percurso — da escuridão da ignorância à luz da consciência — é a matriz simbólica que as tradições citadas, cada uma à sua maneira, haviam já formulado.

O *Neoplatonismo* oferece a formulação filosófica mais exata dessa ascensão. Plotino descreve a alma como decaída na dispersão e no esquecimento de sua origem, e o bem viver como o *retorno* — a reascensão ao Uno. "Retorna a ti mesmo e olha", escreve ele; e se ainda não te vês belo, faz como o escultor que trabalha a própria estátua, removendo o excesso até que resplandeça o esplendor da virtude.⁵⁴ É impossível não ouvir, nessa imagem, o eco antecipado do trabalho sobre a pedra e da edificação de um *templo interior*.

O *Pitagorismo* acrescenta duas ressonâncias precisas. A primeira é a do *número e da geometria* como vias de elevação: para os pitagóricos, a proporção que rege a música e o cosmos

⁵³ CAMINO, Rizzardo da. *O Aprendiz Maçom*.

⁵⁴ PLOTINO. *Enéadas*, I, 6. Fonte: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/23562/1/enéadas-I-e-II-COMPLETO-finalizado.pdf> Acesso em 21/06/2026.

rege também a alma, e ordenar-se é afinar-se a essa harmonia — intuição que a Maçonaria conserva ao venerar a geometria como linguagem simbólica da ordem moral. A segunda é ainda mais direta: o longo *silêncio* exigido do iniciado pitagórico, o período em que o discípulo devia apenas escutar antes de ter direito à palavra. *É a imagem quase literal do Aprendiz maçom, cujo primeiro aprendizado é o do silêncio e da escuta.*

O *Hermetismo* contribui com a linguagem do *despertar* e da *regeneração*. No *Corpus Hermeticum*, o bem viver é um conhecer-se que é, ao mesmo tempo, reconhecer a dimensão divina do ser humano e renascer para uma vida nova. Os temas da iniciação como morte e renascimento simbólicos, da transformação interior e do conhecimento de si encontram aí uma de suas fontes antigas. Mas é justamente sobre o Hermetismo que deve recair a maior cautela: o Hermetismo histórico não se confunde com suas reelaborações esotéricas modernas, e reconhecer afinidade de linguagem não autoriza a inferir transmissão direta.

A *mística cristã*, enfim, fornece o paralelo talvez mais estruturalmente próximo. A tradição espiritual clássica descreve o itinerário da alma em três etapas — a *via purgativa*, a *via iluminativa* e a *via unitiva* —, esquema que acompanha de modo impressionante a lógica de uma iniciação que parte da purificação, conduz à iluminação e aspira à integração. E a imagem paulina do ser humano como "templo de Deus" oferece a mais direta das chaves para o símbolo central deste trabalho.

Convém, por fim, um registro que o tema impõe: antes mesmo das filosofias, foram os cultos de mistério da Antiguidade que deram à iniciação a sua forma. Nos mistérios de Elêusis, celebrados em honra de Deméter e Perséfone, o iniciado era conduzido da escuridão à súbita visão luminosa (a *epopteia*), recebendo a promessa de um destino melhor; nos mistérios de Mitra, difundidos por todo o Império Romano, havia sete graus de iniciação, santuários em forma de caverna e um intenso simbolismo solar; e nos mistérios egípcios de Ísis e Osíris, a morte e a ressurreição do deus figuravam a regeneração do iniciado.⁵⁵ É dessa gramática ritual — provações, morte e renascimento simbólicos, passagem das trevas à luz, ascensão por graus — que a Maçonaria é herdeira simbólica, e o reconhecimento disso é hoje lugar-comum entre os estudiosos. A cautela, porém, aqui deve ser a máxima de todo o trabalho. Primeiro, porque do conteúdo desses cultos — secretos por definição — restou-nos pouco, o que torna temerária qualquer reconstrução doutrinária. Segundo, porque a evocação dos mistérios antigos pela Maçonaria é, em larga medida, obra consciente de autores dos séculos XVIII e XIX, no gosto

⁵⁵ OS MISTÉRIOS DE ELEUSES. Fonte: <https://opontodentrodocirculo.wordpress.com/2015/07/03/os-misterios-de-eleusis/> Acesso: 11/10/2026.

da época pelo Egito e pela Antiguidade — uma reapropriação simbólica, e não a prova de uma transmissão iniciática contínua desde Elêusis. Afinidade de forma e inspiração deliberada: não genealogia demonstrada.

Reunidas, essas tradições mostram que a Maçonaria herdou um vocabulário espiritual de longa data — o da luz, da ascensão, da transformação e do templo interior. Resta, porém, dizer com precisão em que sentido o "herdou", e é nisso que insistirá a seção metodológica seguinte. Convém, desde já, distinguir três níveis: uma *afinidade simbólica*, clara e fecunda; *influências históricas documentáveis* em certos ritos e sistemas de altos graus desenvolvidos a partir do século XVIII, que absorveram elementos herméticos, alquímicos, cabalísticos e rosacruz; e a tese de uma *descendência direta* a partir de uma antiga escola iniciática, essa não demonstrada de forma consensual. Afirmar a afinidade é legítimo; confundi-la com filiação é o erro que este trabalho se recusa a cometer.

3.7. O sentido, a liberdade e a finitude

Os temas anteriores trataram do *como* do trabalho maçônico. Resta o tema que lhes dá razão de ser — o *porquê*. Pois de nada valeriam os instrumentos, os ritos e os símbolos se não fossem assumidos por alguém que decide, livre e responsavelmente, fazer deles obra de sua própria vida. É aqui que o Existencialismo e a dimensão de sentido da tradição cristã oferecem suas correspondências.

O *Existencialismo* fornece a mais lúcida advertência contra uma ilusão que espreita todo iniciado. Sartre resumiu sua filosofia na fórmula "a existência precede a essência": o ser humano não recebe pronta uma natureza a cumprir, mas se define por aquilo que escolhe fazer de si.⁵⁶ Transposta para a Loja, essa tese tem consequência imediata: *receber símbolos, títulos ou graus não transforma automaticamente ninguém*. O avental, as palavras, os emblemas nada operam por si sós; seu sentido depende do que cada um escolhe fazer com eles — repetidamente, na vida familiar, profissional e cívica. O maçom que ostentasse os sinais exteriores sem viver os valores que eles significam estaria naquilo que Sartre chamou de *má-fé*. A autenticidade consiste em assumir que se é responsável pelo que se faz de si mesmo — e, por extensão, pelo que se faz da própria Ordem. *A iniciação não é um ponto de chegada que dispensa o caminho; é um ponto de partida que a ele obriga.*

A consciência da *finitude* aprofunda essa responsabilidade, e a Maçonaria a introduz desde o primeiro momento. Antes mesmo de receber a luz, o candidato recolhe-se na câmara

⁵⁶ SARTRE, Jean-Paul. O Existencialismo é um humanismo. Fonte: <https://we.riseup.net/assets/455403/Existencialismo.pdf> Acesso em: 25/07/2026.

de reflexão, espaço em que é confrontado, entre outros símbolos, com a brevidade e a singularidade da existência — um convite à meditação sobre o tempo que se tem e sobre o uso que dele se fará.⁵⁷ Essa lembrança inicial da própria finitude não tem função mórbida, mas o efeito que Heidegger e Camus atribuíam à consciência da morte: conferir seriedade e urgência às escolhas. Sabemo-nos mortais, e é isso que torna cada decisão densa de sentido. O trabalho sobre a pedra adquire, assim, um peso existencial: *dispõe-se de uma única vida, e dela cada ação acrescenta ou retira algo ao edifício que se deixa no mundo.*

A *tradição cristã* acrescenta a essa consciência a busca de um *sentido* último. "Fizeste-nos para ti, e o nosso coração está inquieto enquanto não repousa em ti", escrevera Agostinho. Numa chave que dispensa a adesão a qualquer credo específico, a mesma intuição reaparece no século XX com Viktor Frankl: sua logoterapia sustenta que o núcleo do bem viver é a descoberta de um sentido capaz de sustentar o ser humano mesmo no sofrimento extremo.⁵⁸ A Maçonaria, ao propor que o aperfeiçoamento de si se ordene a algo maior — a edificação de uma humanidade mais justa —, inscreve o trabalho individual num horizonte de sentido que o resgata de ser mero cultivo narcisista.

Convém, por fim, registrar um ponto de tensão que a seção seguinte retomará: as vertentes ateias do Existencialismo, sobretudo a Sartriana, entram em conflito com a exigência de crença num Ser Supremo da Maçonaria. Não se trata, porém, de incompatibilidade que anule o diálogo. As intuições existencialistas de maior valor para o maçom — a de que o caráter se constrói por escolhas, a de que a autenticidade exige recusar o autoengano e a de que a consciência da finitude confere urgência ao trabalho — permanecem válidas qualquer que seja a resposta ao transcendente. O Existencialismo lembra ao Aprendiz aquilo que nenhuma cerimônia pode fazer por ele: *que a obra é sua, que o tempo é escasso, e que ninguém a executará em seu lugar.*

3.8. Afinidade, influência e filiação: uma cautela necessária

Tudo o que se afirmou até aqui repousa sobre uma distinção que é preciso tornar explícita — pois dela depende a diferença entre um estudo sério e uma mitologia de origens. Reconhecer afinidades entre a Maçonaria e as escolas do bem viver é legítimo; convertê-las em teses de descendência histórica é um erro que compromete todo o resto. Convém distinguir três níveis de relação.

⁵⁷ CAMINO, Rizzardo da. *O Aprendiz Maçom*. MADRAS.

⁵⁸ FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido*. Ed. Vozes, 1991.

O primeiro é o da *afinidade simbólica e interpretativa*. É o nível em que nos movemos ao longo de toda esta parte: dizer que o trabalho sobre a pedra bruta ecoa a ética Estoica do autodomínio é estabelecer correspondências de sentido — leituras fecundas que não exigem nenhuma pretensão de continuidade histórica para se justificar.

O segundo é o das *influências históricas documentáveis*. A historiografia reconhece que certas correntes maçônicas — sobretudo os sistemas de altos graus desenvolvidos a partir do século XVIII — absorveram elementos herméticos, alquímicos, cabalísticos e rosacruzes.⁵⁹ A Cabala — o misticismo judaico da Árvore da Vida e das dez Sephiroth, com seu ideal de tikkun, a reparação de si e do mundo — é dos aportes mais presentes, sobretudo em graus do Rito Escocês, onde fornece boa parte do vocabulário simbólico do aperfeiçoamento interior.⁶⁰ Essas influências existiram e podem ser rastreadas em ritos específicos; mas são pontuais, não uma origem única.

O terceiro é o da *descendência direta* — a tese de que a Maçonaria derivaria, por transmissão contínua, de uma antiga escola hermética ou pitagórica. Esse nível não é demonstrado de forma consensual, e pesquisadores maçônicos sérios expressamente o contestam, observando que semelhança de símbolos não basta para comprovar genealogia institucional. A Maçonaria especulativa é fenômeno moderno, cujas raízes documentais remontam às corporações de ofício e ao ambiente intelectual dos séculos XVII e XVIII.

Dessa distinção derivam quatro cuidados, que convém enunciar de forma sistemática.

Quadro 3 — Limites da comparação entre as filosofias do bem viver e a Maçonaria

Cuidado	O que exige
Não confundir semelhança com filiação	Dois sistemas podem ensinar a moderação, o autodomínio ou a busca da luz sem que um descenda historicamente do outro.
Não tratar a Maçonaria como bloco único	Ritos, jurisdições e Obediências divergem em linguagem, regularidade, requisitos e interpretação simbólica.
Não transformar símbolos em dogmas	O método maçônico costuma abrir espaço à reflexão pessoal dentro de compromissos morais compartilhados.
Não confundir Maçonaria com religião ou ocultismo	Obediências regulares declaram que ela não oferece teologia, sacramentos nem salvação, ainda que exijam a crença num Ser Supremo.

Fonte: elaborado pelo autor (2026), a partir de fontes maçônicas institucionais e da literatura historiográfica.

⁵⁹ ÖNNERFORS, Andreas. *Freemasonry: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2017. Fonte: <https://cdn.bookey.app/files/pdf/book/en/freemasonry.pdf> Acesso em: 23/08/2026.

⁶⁰ A CABALA. Fonte: <https://www.freemason.pt/cabala-maconaria-ancestralidade-judaica-i/> Acesso em: 11/10/2026

O último desses cuidados merece uma palavra. A Maçonaria, nas Obediências regulares, não se apresenta como religião: não possui teologia revelada, não administra sacramentos, não promete salvação — embora exija a crença num Ser Supremo (o Grande Arquiteto do Universo) e utilize uma linguagem simbólica de forte teor espiritual.⁶¹ É por isso que ela pode acolher, sob o nível, homens de confissões diversas. E é também por isso que convém desfazer, com serenidade, as genealogias fantasiosas que periodicamente a cercam como a difundida (e historicamente não comprovada) tese de que a Maçonaria descenderia, em linha direta, da Ordem dos Cavaleiros Templários, suprimida no início do século XIV. Tais aproximações, quando desprovidas de prova, são precisamente o tipo de confusão entre semelhança e filiação que este trabalho procura evitar.

Essa cautela, longe de enfraquecer a tese central, é o que a torna defensável. Pois afirmar que a Maçonaria mantém afinidades profundas e fecundas com as escolas do bem viver não exige — e não deve pretender — que ela descenda de qualquer uma delas. A força da correspondência está no sentido, não na linhagem.

3.9. Síntese: a Maçonaria como oficina simbólica do bem viver

Percorridas as correspondências e estabelecida a cautela que as disciplina, pode-se recolher o sentido do conjunto. A imagem que melhor o condensa é a da Maçonaria como uma *oficina simbólica do bem viver*: um lugar onde o imenso patrimônio filosófico que a Parte I inventariou não é estudado como teoria, mas convertido em caráter por meio do símbolo, do rito e da fraternidade. Do Estoicismo, a Ordem se aproxima pelo domínio de si e pelo senso de dever; de Aristóteles, pela formação habitual do caráter; e Platão, pela saída da caverna rumo à luz, de Epicuro, pela amizade e pela moderação; do ceticismo, pela tolerância investigativa; do Pitagorismo e do Neoplatonismo, pela linguagem iniciática do número e da luz; do Hermetismo, pela gramática da transformação interior; do Budismo, pela vigilância sobre o apego; do Taoismo, pela medida e pela ação proporcional; do Confucionismo, pela educação ritual e pela responsabilidade relacional; da tradição cristã, pela via da purificação interior; e do Existencialismo, pela escolha responsável diante da finitude.

Essa convergência não afirma que todas essas tradições ensinam a mesma coisa — vimos que divergem, e por vezes profundamente. Afirma, antes, que elas podem ser organizadas como *perspectivas complementares*, reunidas sob um critério propriamente maçônico: *o de que*

⁶¹ APRENDIZ MAÇOM, Ritual do. Grande Oriente do Estado de Mato Grosso, 2022.

o conhecimento só adquire valor quando transforma a pedra humana em caráter íntegro, e quando o aperfeiçoamento individual se converte em bem comum.

Esse critério pode ser enunciado como uma sequência de quatro movimentos.

Quadro 4 — Os quatro movimentos do aperfeiçoamento maçônico

Movimento	O que realiza	Tradições que o nutrem
Conhecer-se	Reconhecer a própria ignorância, as paixões, os automatismos, os desejos vazios e as contradições, ordenar/conhecer a alma.	Sócrates, Estoicismo, Budismo, Hermetismo, Platão.
Construir-se	Formar hábitos, educar a razão, estabelecer limites e alinhar conduta e valores	Aristotelismo, Confucionismo, Estoicismo
Relacionar-se	Cultivar amizade, tolerância, respeito, igualdade e fraternidade	Epicurismo, Cinismo, Pirronismo, Confucionismo
Servir	Converter o aperfeiçoamento pessoal em beneficência, cidadania e responsabilidade social	Confucionismo, Taoismo, sabedoria cristã

Fonte: elaborado pelo autor (2026).

A ordem dos quatro movimentos não é indiferente. O conhecimento de si (o "conhece-te a ti mesmo" socrático que atravessa todo o trabalho) é o ponto de partida: sem ele, não há o que corrigir. A construção de si — o desbaste da pedra, a formação dos hábitos — é o trabalho propriamente dito.

Mas é o terceiro movimento que impede o segundo de degenerar: ao inscrever o aperfeiçoamento na convivência fraterna, a Maçonaria impede que o cultivo de si se transforme em narcisismo espiritual. E o quarto movimento leva essa abertura ao seu termo: o aperfeiçoamento que não se converte em *serviço* permanece incompleto. Não por acaso as fontes institucionais colocam o serviço à comunidade no centro da identidade maçônica.⁶²⁶³

Neste ponto reencontramos, elevada à sua formulação mais completa, a convicção que unificava as escolas da Parte I: *a de que o bem viver é um trabalho prático sobre o caráter*. A Maçonaria acrescenta-lhe duas notas que poucas das tradições antigas haviam articulado com igual força — a de que esse trabalho se faz em *fraternidade*, para além das diferenças de origem e de crença, e a de que ele só se cumpre quando desemboca no *serviço* aos outros.

Conhecer-se, construir-se, relacionar-se e servir: eis o itinerário que conduz do domínio de si à edificação do templo interior — e, por meio dele, à edificação de uma humanidade mais justa e perfeita.

⁶² APRENDIZ MAÇOM, Ritual do. Grande Oriente do Estado de Mato Grosso, 2022.

⁶³ GOEMT, Constituição do, Disposições Preliminares. Grande Oriente do Estado de Mato Grosso, 2020.

4. CONCLUSÃO

Ao fim deste percurso, pode-se retomar a pergunta de onde partimos — *como viver bem?* — e medir o quanto a resposta se enriqueceu. Vimos que a humanidade a formulou muitas vezes, e de muitos modos: na austeridade do Estoico e na serenidade do Epicurista, na franqueza do Cínico e na suspensão do Cético, na justiça interior do Platônico, na harmonia do Pitagórico e na ascensão do Neoplatônico, no despertar do Hermetista e na atenção do Budista, na medida do Taoísta e no cuidado relacional do Confuciano, na interioridade do Cristão e na liberdade responsável do Existencialista. Nenhuma dessas respostas anula as outras; cada uma ilumina com precisão particular um aspecto da condição humana, e todas partilham a convicção de que filosofar é, antes de tudo, trabalhar sobre si mesmo.

A Maçonaria, procuramos mostrar, inscreve-se nessa longa tradição não como mais uma escola entre elas, nem como a síntese que as dissolveria numa doutrina única, mas como um *método* que recolhe suas melhores intuições e as traduz em símbolo, rito e fraternidade.

Ela é, nesse sentido rigoroso, uma filosofia praticada: uma oficina onde a sabedoria herdada dos séculos se faz trabalho concreto sobre a pedra que cada um é. Fizemo-lo com a cautela que distingue o estudo sério da mitologia de origens: afirmando as afinidades de sentido sem convertê-las em teses de descendência histórica.

O subtítulo deste trabalho anunciava um percurso: *do domínio de si à edificação do templo interior*. Chegados ao fim, vê-se que esse percurso não descreve apenas o caminho do Aprendiz, mas o itinerário de toda vida que se queira bem vivida.

Começa no conhecimento de si, sem o qual nada há a corrigir; prossegue no governo das paixões e na construção paciente do caráter; abre-se à convivência fraterna, que resgata o trabalho interior do risco do narcisismo; e culmina no serviço, que converte o aperfeiçoamento de um em bem de muitos. O templo interior, afinal, não se edifica para ser habitado em solidão: edifica-se para que dele irradie uma humanidade mais justa.

Resta uma última palavra, que é também uma devolução da responsabilidade a quem lê — ou a quem escuta. A mais bem desbastada das pedras nada constrói se permanece isolada no canteiro; o mais sábio dos ensinamentos nada transforma se não for vivido. As filosofias do bem viver e os ensinamentos maçônicos convergem, ao cabo, nesta exigência comum e intransferível: *a de que o conhecimento só se completa quando se faz vida. Que cada um, de posse dos instrumentos, prossiga a obra — pois a pedra que lhe cabe trabalhar é, e sempre será, ele mesmo.*

5. BIBLIOGRAFIA

AGOSTINHO. *A verdadeira religião.*

AGOSTINHO. *Confissões*, I, 1.

ANDERSON, James. *As Constituições dos Franco-Maçons* (1723).

APRENDIZ MAÇOM, Ritual do. Grande Oriente do Estado de Mato Grosso, 2022.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco.* Edição bilingue. Tradução de André Malta. São Paulo: Editora 34, 2024.

CAMINO, Rizzardo da. *O Aprendiz Maçom.* MADRAS.

CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo.* Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. Rio de Janeiro: Record, 2010.

CONFÚCIO. *Os Analectos.* Tradução, introdução e notas de Giorgio Sinedino. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

CORPUS HERMETICUM, tratados I, X e XIII.

DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres.* Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

EPICTETO. *Manual (Encheiridion)*

EPICURO. *Carta sobre a felicidade (a Meneceu).* Tradução de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito.* Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido.* Ed. Vozes, 1991.

GOEMT, Constituição do. Disposições Preliminares, Grande Oriente do Estado de Mato Grosso, 2020.

HADOT, Pierre. *O que é a filosofia antiga?* São Paulo: Loyola, 2004.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos.* Tradução de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2013.

LAO-TSÉ. *Tao Te Ching: o livro do caminho e da virtude.* Tradução e comentários de Wu Jyh Cherng. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.

MACINTYRE, Alasdair. *Depois da virtude: um estudo em teoria moral.* Tradução de Jussara Simões. Bauru: EDUSC, 2001.

MARCO AURÉLIO. *Meditações.*

ÖNNERFORS, Andreas. *Freemasonry: a very short introduction.* Oxford: Oxford University Press, 2017.

PICO DELLA MIRANDOLA, Giovanni. *Discurso sobre a dignidade do homem.* Edição bilingue. Lisboa: Edição 70.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates.*

PLATÃO. *A República.* Tradução de Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2006

PLOTINO. *Enéadas*, I, 6. Tradução de José Carlos Baracat Júnior. Campinas: Editora da Unicamp

SARTRE, Jean-Paul. *O Existencialismo é um humanismo.*

SEXTO EMPÍRICO. *Hipotiposes pirrônicas*, I. Tradução de Danilo Marcondes.

TOMÁS DE AQUINO, Santo. *Suma Teológica.* São Paulo: Edições Loyola.

XIUZHEN TU, o mapa do Cultivo da Realidade.

ZINGANO, Marco. *Ethica Nicomachea I 13 – III 8: tratado da virtude moral.* São Paulo: Odysseus, 2008.

SITES:

<https://www.bibliaonline.com.br/acf>
<https://cabana-on.com/Ler/wp-content/uploads/2017/09/Os-Analectos-Confucio.pdf>
<https://cdn.bookey.app/files/pdf/book/en/freemasonry.pdf>
<https://opontodentrodocirculo.wordpress.com/2015/07/03/os-misterios-de-eleusis/>
https://pt.wikipedia.org/wiki/Apologia_de_Sócrates
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Hermetismo>
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Plotino>
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ubuntu_\(filosofia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ubuntu_(filosofia))
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Zoroastrismo>
<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/23562/1/enéadas-I-e-II-COMPLETO-finalizado.pdf>
<https://shinjigengan.com.br/xiuzhen-tu-o-mapa-do-cultivo-da-realidade/>
https://teciduradasmoiras.com/wp-content/uploads/2017/09/corpus_hermeticum_hermes_trimegisto.pdf
<https://we.riseup.net/assets/455403/Existencialismo.pdf>
https://www.academia.edu/36691368/PITÁGORAS_VERSOS_DE_OURO
<https://www.epedagogia.com.br/materialbibliotecaonline/2900Etica-a-Nicomaco.pdf>
<https://www.evangelizandocommaria.com.br/livros/Confissões%20-%20Santo%20Agostinho.pdf>
<https://www.freemason.pt/cabala-maconaria-ancestralidade-judaica-i/>
<https://www.freemason.pt/a-grande-loja-unida-de-inglaterra-ugle-lancou-os-guiding-principles/>
<https://www.netmundi.org/home/wp-content/uploads/2020/11/Carta-a-Meneceu-Sobre-a-Felicidade-por-Epicuro.pdf>
https://www.padredanielribeiroscj.com.br/?jet_download=4331e526488e2123f3e35383db2fe725ab02aae6
<https://www.todamateria.com.br/estoicismo>

APÊNDICE A — ROTEIRO DE LEITURA

Quadro 5 — Roteiro de leitura por tradição

Tradição	Obra(s) de entrada
Sócrates	Platão, Apologia de Sócrates e Fédon
Platão	A República (livros IV e VII); Fédon; Banquete
Estoicismo	Epicteto, Manual; Marco Aurélio, Meditações; Sêneca, Cartas a Lucílio
Aristotelismo	Aristóteles, Ética a Nicômaco, livros I, II e VI
Epicurismo	Epicuro, Carta a Meneceu e Máximas principais
Cinismo	Diógenes Laércio, Vidas e doutrinas, livro VI
Pirronismo	Sexto Empírico, Esboços pirrônicos, livro I
Pitagorismo	Jâmblico, Vida pitagórica; Versos áureos
Neoplatonismo	Plotino, Enéadas I, 6 e VI, 9
Hermetismo	Corpus Hermeticum, tratados I, X e XIII
Budismo	Dhammapada
Taoismo	Lao-Tsé, Tao Te Ching
Confucionismo	Confúcio, Analectos
Sabedoria cristã	Agostinho, Confissões; Tomás de Aquino, Suma Teológica (seleção); Inácio de Loyola, Exercícios Espirituais; Livro dos Espíritos(Alan Kardec)
Existencialismo	Sartre, O Existencialismo é um humanismo; Camus, O mito de Sísifo
Visão integradora	Pierre Hadot, O que é a filosofia antiga?
Retomada contemporânea	A. MacIntyre, Depois da virtude; V. Frankl, Em busca de sentido

Fonte: elaborado pelo autor (2026).

APÊNDICE B — SÍNTESE PELOS SÍMBOLOS

Quadro 6 — Síntese pelos símbolos

Símbolo maçônico	Sentido no trabalho sobre si	Eco filosófico
A pedra bruta	O iniciado, com arestas, vícios e paixões a desbastar	Sócrates (conhecer-se); Platão (ordenar a alma); neoplatonismo (a estátua a esculpir)
O maço e o cinzel	A força da vontade e o discernimento que removem o supérfluo	Estoicismo (domínio das paixões); budismo (atenção ao impulso)
A régua de vinte e quatro polegadas	A divisão sábia do tempo; a disciplina do hábito	Aristotelismo (o caráter formado pela repetição)
O nível	A igualdade essencial entre os irmãos	Cinismo (contra a vaidade dos títulos)
O prumo	A retidão e a verticalidade moral	Estoicismo (viver conforme a razão)
O esquadro	A justeza e a retidão da conduta	Confucionismo (o rito que educa o caráter)
A câmara de reflexão	O recolhimento e a consciência da finitude	Existencialismo (a finitude que dá urgência); tradição cristã (o exame de si)
A passagem das trevas à luz	O despertar da ignorância à consciência	Platão (a saída da caverna); pitagorismo e hermetismo (a iniciação); neoplatonismo (a ascensão); mistérios antigos (morte e renascimento)
O silêncio do Aprendiz	A escuta que precede a palavra	Pitagorismo (o noviço que primeiro ouve)
A construção do templo	O aperfeiçoamento de si e a edificação de uma sociedade justa	Confucionismo e o ideal de serviço; a “mística do templo interior”

Fonte: elaborado pelo autor (2026).

APÊNDICE C — SÍNTESE DAS CORRESPONDÊNCIAS

O quadro a seguir condensa, em um único olhar, o percurso de todo o trabalho: para cada escola do bem viver, o seu diagnóstico e prática característicos e a correspondência que mantém com um símbolo ou uma prática maçônica. Oferece-se aqui como recurso didático — um mapa para o estudo, e não uma tese. Convém, por isso, repetir a advertência que orientou todo o texto: estas são correspondências de sentido, interpretativas e comparativas, nunca afirmações de equivalência direta ou de filiação histórica. O corpo do trabalho desenvolveu cada uma delas com as nuances e as ressalvas devidas; o quadro apenas as recolhe, de forma necessariamente esquemática, para facilitar a memória e a reflexão. Lido com essa consciência, ele amplia o aprendizado; lido como fórmula, trairia o próprio método que o sustenta.

Quadro 7 — Correspondências entre as escolas do bem viver e o simbolismo maçônico

Escola / Tradição	Conceito & diagnóstico-chave	Prática filosófica	Símbolo ou prática maçônica correspondente
Socratismo	Cuidado de si (<i>epiméleia heautoû</i>); “conhece-te a ti mesmo”	Interrogar certezas, motivações e autoenganos	O recolhimento e o autoexame iniciais (a câmara de reflexão)
Platonismo (Platão)	Alma dividida; justiça como harmonia interior; a saída da caverna	Dialética: ascender do sensível ao inteligível	A passagem das trevas à luz; a razão governando as paixões
Estoicismo (Epicteto, M. Aurélio)	Dicotomia do controle; a virtude como único bem	Submeter juízo e impulso ao exame da razão	O maço e o cinzel — desbastar vícios e conter paixões
Aristotelismo (Aristóteles)	A virtude forjada pelo hábito (<i>éthos</i>), no convívio (<i>pólis</i>)	Repetir atos bons até firmar o caráter	A régua de 24 polegadas (divisão do tempo) e a Loja como oficina de hábitos
Epicurismo (Epicuro)	Ataraxia; triagem dos desejos (necessários × vãos)	Reduzir desejos vãos; cultivar amizade e medida	A sobriedade e a ágape fraterna recomendadas desde 1723
Cinismo e pirronismo	Autossuficiência contra a vaidade; suspensão do juízo (<i>epoché</i>)	Desapego de títulos; recusa do dogmatismo	O nível (igualdade entre irmãos) e a tolerância entre crenças
Pitagorismo	Número, medida e harmonia; silêncio iniciático	Exame noturno; disciplina do silêncio e da escuta	O silêncio do Aprendiz; a geometria; os graus de iniciação
Neoplatonismo (Plotino)	“Esculpir a própria estátua interior”; ascensão ao Uno	Interiorização; remoção do supérfluo	O desbaste da pedra bruta até a pedra polida
Hermetismo	Despertar (<i>gnôsis</i>) e regeneração interior	Conhecimento de si; purificação dos desejos	A iniciação como morte e renascimento simbólicos; a luz
Budismo	Impermanência e não-apego; o sofrimento nasce do desejo	Atenção ao impulso antes do ato; compaixão	A vigilância contínua sobre vícios e paixões
Taoísmo	<i>Wu wei</i> (ação não forçada) e a fluidez da água	Agir no momento e na medida certos	Desbastar a pedra com arte e paciência, sem fúria
Confucionismo (Confúcio)	O rito (<i>li</i>) que educa a humanidade (<i>ren</i>); o ser relacional	Repetição consciente de gestos e ritos; exemplaridade	O ritual da Loja como pedagogia do caráter; pontualidade e responsabilidade
Sabedoria cristã	“Coração inquieto”; vias purgativa, iluminativa e unitiva	Exame de consciência; purificação interior	A edificação do templo interior
Existencialismo (Sartre)	“A existência precede a essência”; responsabilidade	Escolhas repetidas que definem o caráter	O trabalho real após a iniciação — a obra é de cada um

Fonte: elaborado pelo autor (2026).